

**Prática de Ensino Supervisionada de  
Ensino da Educação Musical No Ensino Básico**

**A música urbana na colaboração e aprendizagem entre pares:**

Um método pedagógico ativo na educação musical.

**Gabriel Eduardo Rodrigues Fernandes**

*Relatório Final do Estágio Profissional a apresentar à Escola Superior de Educação de Bragança, para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico.*

Orientadora:

**Maria Isabel Ribeiro de Castro**

Bragança,

Julho de 2020



*“A verdadeira educação é uma espécie de história sem fim,  
uma questão de inícios contínuos, de recomeços habituais, de novidade  
persistente.”*

**J.R.R. Tolkien**

*(Fonte - Lessons in Education from Gandalf the Grey - Miranda Bonifield)*

*“As crianças devem ser ensinadas em como pensar,  
e não o que pensar.”*

**Margaret Mead**

*(Fonte - Selection from coming of age in Samoa. Página 212)*

***À minha mãe e à minha avó:***

*Por todos os sacrifícios que fizeram para que eu pudesse ter esta oportunidade. Mesmo quando as coisas estavam mais difíceis, sempre me disseram para continuar e acabar os estudos.*

***Ao meu avô:***

*Não podendo estar cá para me ver formado, espero que te seja um motivo de orgulho. Mesmo longe, inspiras-me a ser uma melhor pessoa. Só espero ser um exemplo para a minha futura família como tu foste e ainda és para a tua.*

***Ao meu padrinho:***

*Pela ajuda que deste quando precisava não só nesta fase, mas em toda a minha vida.*

***Aos meus professores:***

*Aos bons e menos bons que fizeram parte da minha vida académica e que hoje me inspiram a ser um melhor docente.*

## **Agradecimentos.**

À Dra. Isabel Castro, pelos seus conselhos, orientação e dedicação ao longo deste ano, pela paciência e motivação no meu percurso como estagiário e na ajuda na construção deste relatório.

Ao professor coordenador, pela disponibilidade em receber-me como estagiário na sua sala de aula, pela sua orientação e ajuda em todas as aulas do ano letivo e pela instrução na arte de ensinar.

Ao professor João Cristiano Cunha, pela sua ajuda ao longo deste ano e pelas suas palavras em todas as sessões de reflexão nas suas aulas.

Ao meu par pedagógico, pela ajuda disponibilizada nas aulas e reflexões no final das mesmas.

Ao Agrupamento de Escolas Emídio Garcia e todos os seus colaboradores docentes e não docentes, por me receberem neste ano letivo e assim contribuindo para a minha formação.

À Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança e todos os seus colaboradores docentes e não docentes, pela disponibilidade em apoiar o meu estágio com os mais variados recursos, e por se esforçar em ter as melhores condições de ensino todos os anos. Acima de tudo por me terem acolhido desde o primeiro ano.

À União de Freguesias da Sé, Santa Maria e Meixedo, pelo transporte oferecido sem o qual não seria possível oferecer aos alunos uma visita de estudo.

À Esproarte, e todos os seus representantes (Maestro Gustavo Delgado, Professor Job Tomé) por terem recebido com carinho os meus alunos e partilhado o seu conhecimento.

Aos meus colegas de turma, por todos os debates e pela troca de ideias e conhecimento.

Aos alunos do 5.º B e 6.º E, por me receberem como professor.



## **Resumo.**

A música desde tempos imemoráveis sempre foi uma forma através da qual o ser-humano se expressou. Diferentes comportamentos, sensações, emoções, mensagens humanitárias ou políticas, ou meio para homenagear os mortos (*Requiem*), a música encontra-se presente em distintos contextos. Neste sentido o processo de criação de uma obra musical e de um espetáculo, engloba a colaboração de vários indivíduos que debatem e aprendem entre si de forma a apresentar o melhor resultado possível. O conceito de músico ganha, nos dias de hoje, uma dimensão diferenciada e pode exibir conhecimentos e saberes mais ou menos formais, ultrapassando mesmo as barreiras académicas. Os artistas, num ambiente de debate e exploração expandem os seus repertórios, trocam ideias, fazem a sua análise e trabalham assim na sua arte longe das instituições de ensino. A música no meio urbano é uma área com grande riqueza a ser estudada e uma fonte de conhecimento disponível para a escola não só apoiar, mas também procurar novos horizontes. O presente relatório aborda a contextualização dos conteúdos previstos nos programas curriculares da disciplina de Educação Musical para a realidade artística de um músico ou banda na formação do seu projeto musical, focando-se na sua fase inicial. Tendo como fundamentação as minhas vivências nos momentos em que iniciava os meus esboços musicais procurei, através de uma metodologia visando a conceção de projetos envolvendo as ideias e interesses dos alunos, incluindo-os em todo o processo de desenvolvimento e aprendizagens entre os mesmos, oferecendo também visitas às realidades culturais em contexto real, visitando a preparação de um concerto de música erudita e um centro de música tradicional, superar as dificuldades que encontrei no processo de ensino aos alunos. O resultado destas vivências e colaboração entre pares foi uma maior motivação para conhecer e aprender outras formas de música, novos repertórios e instrumentos.

## **Palavras-chave**

Educação Musical, Música Urbana, Aprendizagem Colaborativa.

## ***Abstract.***

Music since time immemorial has always been a way in which the human being expressed himself. Different behaviors, sensations, emotions, humanitarian or political messages, or means to honor the dead (Requiem), music is present in different contexts. In this sense, the process of creating a musical work and a show, includes the collaboration of several individuals who debate and learn from each other in order to present the best possible result. Nowadays, the concept of musician gains a differentiated dimension and can display more or less formal knowledge and knowledge, even surpassing academic barriers. The artists, in an environment of debate and exploration, expand their repertoires, exchange ideas, do their analysis and thus work on their art away from educational institutions. Music in the urban environment is an area with great wealth to be studied and a source of knowledge available for the school not only to support, but also to seek new horizons. This report addresses the contextualization of the contents provided for in the curricular programs of the Music Education discipline for the artistic reality of a musician or band in the formation of their musical project, focusing on its initial phase. Based on my experiences in the moments when I started my musical sketches, I sought, through a methodology aiming at the conception of projects involving the students' ideas and interests, including them in the whole process of development and learning among them, offering also visits to cultural realities in a real context, visiting the preparation of a classical music concert and a traditional music center, to overcome the difficulties I encountered in the process of teaching students. The result of these experiences and collaboration between peers was a greater motivation to get to know and learn other forms of music, new repertoires and instruments.

## **Key Words**

Musical Education, Urban Music, Collaborative Learning.

## **Siglas e Acrónimos.**

**ABP** – Aprendizagem Baseada em Problemas

**AEC** – Atividades de Enriquecimento Curricular

**APEM** – Associação Portuguesa de Educação Musical

**CEB** – Ciclo do Ensino Básico

**CNEB** – Currículo Nacional do Ensino Básico

**EB** – Ensino Básico

**EM** – Educação Musical

**ESE** – Escola Superior de Educação

**EV** – Educação Visual

**IPB** – Instituto Politécnico de Bragança

**NEE** – Necessidades Educativas Especiais

**PBL** – *Problem-Based Learning*

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada

**RTP** – Rádio e Televisão de Portugal

**TIC** – Tecnologias de Informação e Comunicação

**TMB** – Teatro Municipal de Bragança

**UC** – Unidades Curriculares

# Índice

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1.º Andamento</b> .....	4
<b>Ser Professor</b> .....	5
Quadro Teórico .....	15
<b>2.º Andamento</b> .....	40
<b>Caracterização do Contexto Educativo</b> .....	41
Integração na escola .....	41
Escola .....	42
Turmas .....	45
<b>3.º Andamento</b> .....	48
<b>Temática</b> .....	49
Educação Musical .....	49
Educação Musical em Portugal .....	55
Prática Pedagógica .....	58
Planificação .....	59
Período de observação .....	60
Período de Responsabilização .....	61
Covid-19 .....	65
Atividades e Projetos .....	68
Integração nas estruturas de Orientação Educativa .....	69
Avaliação das aprendizagens/resultados .....	69
<b>Coda</b> .....	76
<b>Considerações finais</b> .....	77
<b>Reflexão final</b> .....	78
<b>Bibliografia</b> .....	79



## Índice de figuras

<b>Figura 1</b> – Primeiros compassos da obra “Guero” de Helmut Lachenmann .....	24
<b>Figura 2</b> – Partitura não convencional .....	24
<b>Figura 3</b> – Partitura não convencional .....	25
<b>Figura 4</b> – Mapa de Portugal continental identificando a vermelho o concelho de Bragança .....	43
<b>Figura 5</b> – Sala virtual do 5ºB na plataforma “BandLab” .....	67



## Introdução

Ao longo da nossa vida é normal ouvirmos as palavras “*Então! Não te ensinam isso na escola?*”. Como alguém que já trabalhou<sup>1</sup> durante quase cinco anos antes de ingressar no ensino superior, estas palavras eram faladas com alguma regularidade. Hoje ao finalizar este ciclo de estudo e focando-me apenas na EM, pergunto-me se de facto a escola prepara o aluno para os desafios que irão encontrar fora dos seus muros. Focando as minhas práticas desta PES a essa necessidade<sup>2</sup>, o presente relatório descreve o planeamento e a prática letiva do ano letivo de 2019/2020, em duas turmas do ensino básico. Sendo estas turmas do quinto e sexto anos de escolaridade. Elaborado no sentido de finalizar um ciclo de estudos na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, no Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico, contextualizado na UC Prática de Ensino Supervisionada.

Este documento encontra-se dividido em três capítulos, sendo que o primeiro “Ser professor” aborda a temática do seu título. Abrindo o capítulo com uma narrativa pessoal, numa tentativa de encontrar uma identidade como docente, antes de iniciar a prática letiva. Procuo aqui refletir através dos meus anos como estudante aquilo que para mim é ser professor, e quais as características que retiro deste profissional.

Fundamento esta minha narrativa nas palavras de Wunsch e Alves, os autores indicam que:

*“Somos resultado de uma construção permanente de infinitas interações que estabelecemos no decorrer da vida. Desde a infância, já em nossos primeiros anos, estamos em contacto com diferentes pessoas, famílias, ideias, valores, atitudes, percepções e mundos – usando como exemplo a nossa própria casa, (...), o primeiro contacto com a escola, depois, com mais idade o primeiro emprego etc.”* (Wunsch & Alves, 2020, p. 71)

Rocha e Sá referem também que a utilização das narrativas autobiográficas são valorizadas por mais autores, fazendo citação aos mesmos:

---

<sup>1</sup> Na área do design e arquitetura e com alguns projetos musicais nos tempos livres.

<sup>2</sup> Contextualizar os conteúdos às dificuldades que irão ser encontradas no final de percurso escolar.

*“A utilização das narrativas autobiográficas integra uma linha inovadora de estudos que têm favorecido a busca por uma nova epistemologia de formação (Josso, 2004). Segundo Nóvoa (1988), os estudos sobre o percurso de vida de docentes tiveram impulso a partir da publicação do livro Vidas das histórias de vida, de Pineau (1980). (...) Tais pesquisas adotam as narrativas como um movimento de investigação-formação, seja na formação inicial, ou continuada de professores (...) (Souza, 2006).” (Rocha & Sá, 2019, p. 57, 58)*

Esta minha narrativa é fechada com algumas visões sobre o tema, de alguns dos professores que fizeram parte do meu percurso escolar.

Neste capítulo incluo também o enquadramento teórico, onde procuro entender o que os demais conteúdos científicos articulam sobre o tema. Procurando uma perspectiva mais “futurista” da profissão, este texto está centrado no professor do século XXI. Tentarei explicar aquilo que um professor faz, quem é o professor, qual a sua formação e quais as características que este profissional deverá possuir, e sempre que possível irei fazer uma ponte para aquele que é o professor de EM.

O segundo capítulo deste relatório é referente à caracterização do contexto educativo. Aqui, faço uma descrição de todo o processo que levou à seleção do local de PES, seleção do par pedagógico, turmas, e o procedimento de integração na escola. Pretendo também contextualizar ao leitor o espaço escolar, descrevendo a sua localização geográfica (região e ambiente envolvente do espaço), o espaço escolar (interiores e exteriores) e finalizando com a descrição das turmas (identificando o número de elementos, média de idades, e se os discentes já trazem conhecimentos musicais).

O terceiro e último capítulo é referente ao tema estudado neste ano letivo. Aqui irei começar por abordar a área da EM e explorar o seu desenvolvimento histórico em Portugal. De seguida irei explicar todo o processo de planeamento e preparação das minhas práticas, descrevendo os momentos em que planeava o tema antes de começar o ano letivo, o período de observação e responsabilização (altura em que comecei a minha prática letiva) descrevendo resumidamente as sessões. Aqui irei também abordar as atividades que planeei para os alunos (Visitas de estudo e atividades na escola), descrevendo os seus objetivos e como as mesmas decorreram. Por último, falarei como ultrapassei as dificuldades referentes ao ensino à distância.

Na coda deste relatório irei fazer algumas observações finais sobre as experiências que vivi neste primeiro contacto com o ensino como professor, finalizando com uma reflexão onde irei abordar as competências que trabalhei e ganhei ao longo deste percurso.

## 1.º Andamento<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O presente relatório está dividido por três capítulos que irão ser identificados como “Andamentos”.

Os capítulos referentes às “considerações finais” e “Reflexão final” serão identificados como “Coda”.

## Ser Professor

No início do ano letivo de 2019/2020 percecionei algo que seria o maior desafio desde que ingressei no ensino superior, o “estágio”. Nesta fase seria esperado que possuía as competências necessárias para lecionar turmas do ensino básico da disciplina de Educação Musical. Em tom introdutório gostaria de refletir de uma forma informal sobre alguns pontos. Devo admitir que nunca me senti tão “assustado” e ao mesmo tempo ansioso com este desafio, e por esta razão entendo começar por ponderar em primeira instância sobre a questão de “ser professor”. Após dezoito anos como estudante, desde o primeiro, segundo e terceiro ciclos do ensino básico, secundário e superior, passaram pela minha formação uma quantidade incontável de professores. Apesar de com esforço ser capaz de me lembrar de grande parte deles, devo admitir que poucos ficam guardados na memória positivamente. Com isto, e num tom talvez mais metafórico, digo que sinto que esses anos foram a minha PES.

Antes de ingressar em qualquer pesquisa de fundamentação teórica sobre o que é ser professor, mais particularmente ser professor de Educação Musical, considero que irá enriquecer o presente relatório explicar algo sobre a minha vida de estudante. Isto porque, após uma grande reflexão sobre esse longo período de vida académica considero que estas experiências vividas podem auxiliar na construção deste ponto temático, e também sobre o meu “eu professor”. Após esta análise, fruto do processo de leitura e análise de trabalhos científicos sobre a área da docência, procurarei fazer uma comparação entre um passado enquanto estudante, e um futuro como professor. Para este ponto acho pertinente ter como momento de partida uma reflexão/enquadramento, e manifestar a minha opinião pessoal, ou visão particular sobre esta temática. Para tal é necessário recuar para os meus primeiros anos como aluno. Apesar de pouco me recordar das aulas, alguns factos daqueles primeiros quatro anos do ensino básico permaneceram na memória, tal como o primeiro dia de aulas e a professora.

Lembro-me que estava assustado porque pela primeira vez na vida não iria estar em casa com a minha mãe e os meus avós e ao entrar na sala fui recebido por esta senhora que não se mostrou muito simpática. Talvez por esta razão devo admitir, nunca gostei muito da minha professora deste ciclo de ensino. Contudo hoje, com uma postura mais madura consigo respeitar a sua personalidade, embora não possa compactuar com a forma tradicional de ensino em que o professor “debita” a matéria e nós alunos apenas

memorizamos. Esta situação reporta-me a um primeiro ponto essencial que durante todo o Mestrado foi um tema regular: um professor tem que se adaptar ao seu contexto, tem que conhecer as dificuldades dos alunos, estas dificuldades podem ser de aprendizagens, podem ser dificuldades com o seu próprio “ser”, faltas de confiança em si, problemas de autoestima, contextos sociais em que este vive entre muitos outros. É necessário estar atento a todas as manifestações e comportamentos dos alunos dentro do contexto letivo.

Como professores temos também de procurar perceber como podemos conseguir captar a atenção dos nossos alunos. Obviamente que esta tarefa é difícil, mas como referiu um professor que tive, e do qual teço considerações nesta introdução: “mais vale tentares e saberes do que nem sequer te preocupares em tentar e perguntares-te se podias conseguir o resto da tua vida”.

Continuando esta narrativa sobre os meus primeiros quatro anos de ensino, um dos pontos positivos que encontro na professora que aludi em primeira instância foi que no final de cada período, depois da fase dos testes para os quais vou ser sincero, nunca estudei, ela ensinava à turma algumas cantigas de criança das quais ainda recordo, tais como: “A loja do mestre André”, “As pombinhas da Catrina”, e outras de altura do Natal e Páscoa. Outra coisa que recordo é que ela deixava os alunos pintar desenhos por ela fornecidos ou desenhos livres.

Este relato agora realizado dá ênfase ao que iria definir os meus objetivos de vida. Ou seja, o meu gosto pela Arte e mais tarde poder trabalhar na área. Expressar-me daquela forma provocou em mim pela primeira vez enquanto estava na escola sentir-me bem, sentir-me “eu”. Obviamente que o sentimento na turma não era igual, nem todos tínhamos os mesmos gostos, mas o aspeto a retirar aqui é a necessidade de deixar as crianças explorarem os diferentes níveis intelectuais e artísticos nos seus primeiros anos de contacto com a escola, de forma a perceberem e conhecerem as suas capacidades e em que áreas podem sentir-se e expressar melhor. Creio que devia ser um período para as crianças “serem” de facto aquilo que todos os professores querem, ou devem querer dos seus alunos: serem bons, e acima de tudo bons cidadãos e boas pessoas.

Para concluir este último ponto sobre os meus primeiros quatro anos de ensino, creio que devo discorrer sobre a escola que frequentei. Todos os anos na escola o cinema da vila projetava filmes que se destacavam nesse ano para nós (crianças). Por volta do final do ano a escola organizava um dia de convívio onde todos os alunos juntamente com

as suas famílias e comunidade escolar docente e não docente se juntava para assistirem aos filmes. Nesse convívio que durava o dia inteiro, todas as turmas tinham uma *performance* (Musical, Teatro, Dança, etc...) que apresentavam também. Com a narrativa deste episódio pretendo salientar a seguinte mensagem: a escola deve promover a expressão artística e intelectual dos seus alunos e das suas comunidades, dando acesso aos seus discentes a todo o tipo de iniciativas em quaisquer áreas, sejam elas intelectuais, desportivas e artísticas.

Passo agora de seguida, para o período em que iniciei o segundo ciclo do ensino básico, e onde tive o meu primeiro contacto com a disciplina de EM.

Infelizmente apenas me recordo do professor do meu quinto ano de escolaridade, e pouco. As suas aulas eram simplesmente escrever uma música no quadro tocar na flauta doce, e nós alunos apenas repetíamos o que ele fazia. Lembro-me que a sua postura era muito rígida e muito autoritário, os testes eram baseados numa música ou peça que ele queria, e tínhamos de tocar em frente a todos num momento de avaliação. Apesar de ter visto algo na música que até aquele momento ainda não percebia o que era, devo admitir que mesmo estando a ser avaliado, estar a tocar, ler música, contudo algo muito simples, sentia-me bem e queria saber mais e explorar mais musicalmente. Talvez outros instrumentos, outras músicas, outros géneros e saber mais sobre a história da música. Durante muito tempo pensei que o hino da alegria era simplesmente, o hino da alegria. Hoje orgulho-me de anos mais tarde, por vontade própria ter descoberto as sinfonias de Beethoven e de Mozart. Com esta experiência espero no futuro da minha vida profissional como professor de Educação Musical fomentar nos alunos espaço explorarem diferentes contextos musicais. Obviamente fornecer-lhes novas experiências, enquadrá-los naquilo que é a história da música, refletir em conjunto sobre estética musical, aquilo que para eles e para o professor pode ser considerado “bom” e explorar os instrumentos que estão nas escolas. E se existir algum aluno que saiba já tocar algum instrumento, ter a oportunidade de o explorar num outro contexto por exemplo, apresentá-lo à turma. Um professor de EM deve ser muito mais que aquele que ministra flauta e organiza as festas de Natal e de Páscoa. Deste momento de estudo posso afirmar que recordo a minha professora de Educação Física, a qual tive a sorte de ter praticamente até ao fim do terceiro ciclo de estudos do ensino básico. Nas aulas em que tínhamos de aprender a andar de patins, a própria já tinha a informação que eu jogava hóquei em patins

desde os meus cinco ou seis anos, tendo sido das primeiras coisas a mencionar na primeira aula.

Em minha opinião o professor deve primeiro conhecer os seus alunos antes de começar o ano letivo “oficialmente”. A docente incentivou-me a trazer os meus patins para as aulas no sentido de ajudar os meus colegas que tinham mais dificuldades e aproveitando este facto para ir explicando melhores formas de andar, como se equilibrarem melhor, como travar e arrancar, como andar de costas, etc... Teve uma atitude que devo admitir só percebi quando frequentei aulas de Pedagogia da Música, já no ensino superior. Entendo pois que um docente deve sempre ser promotor da inclusão, saber usar os recursos humanos que tem ao seu alcance para que possa ser um melhor docente. Creio também ser importante sabermos aprender com os alunos para que eles também se deixem ensinar por nós. Infelizmente esta “filosofia” não a encontrei naquele que foi o único ano em que por indisciplina pessoal não consegui transitar. Nesse ano, talvez por infortúnio decidiram reorganizar as turmas e pela primeira vez sentia-me excluído por alguns professores. Admitindo que a minha atitude como aluno nunca foi a melhor, talvez por problemas familiares, alguns professores ao observarem as minhas atitudes não tão responsáveis limitavam-se a colocar-me no fundo da sala, juntamente com aqueles que percebendo hoje, não eram os alunos mais simpáticos. Destaco aqui aquelas que foram as minhas professoras de Português que ao saber que eu gostava de ler “*Harry Potter*” e “*Uma Aventura*” desvalorizaram por completo estas opções chamando-lhe leitura para criança, algo que de facto eu o era. Outra professora que saliento é a de Educação Visual que aquando de eu lhe transmiti que gostaria de ser arquiteto como o meu padrinho, a sua atitude foi de “riso” e desvalorização desta minha “abertura”. A mesma disse para experimentar outra área empurrando-me assim para o meu, na altura querido fundo da sala. Apesar de não me orgulhar da minha atitude ao longo daquele tempo, ignorei por completo as duas disciplinas, e como resultado naquele ano letivo tive basicamente negativa a quase todas as disciplinas. Após esse ano teria aquele que foi o maior castigo até à data durante o verão. Posso dizer que aprendi a minha lição. Contudo o exemplo que devo retirar daqui é que um professor deverá sempre valorizar as opções que os alunos tomam sobre aquilo que eles escolhem ler e ouvir ou até desenhar, estudar e querer ser. Devemos também potencializar esses gostos mostrando ao aluno os caminhos que ele deverá seguir com a maior responsabilidade e caso este esteja disposto,

orientá-lo pelo percurso escolhido de forma a mostrar-lhe que acreditamos no valor que ele tem enquanto pessoa e nas suas capacidades.

O que é que eles me vão ensinar? O que é que podemos e posso aprender com isso? O que podemos e posso ensinar? O que podemos e posso trabalhar em conjunto? São estas as perguntas que eu me faço ao imaginar os meus futuros alunos. No final do ensino básico tive de tomar a decisão mais importante e que basicamente definiu aquilo que hoje sou como estudante e como pessoa. Ao longo destes anos posso dizer que descobri a minha grande paixão sobre a música e o meu instrumento, a bateria. Encontrei também a minha predileção pela arte e por arquitetura. Decidi desta maneira que teria de ir estudar para o centro da cidade de Guimarães. Não podia querer melhor sítio para o encontro da história e da arte. Mas vou poupar este relatório do fanatismo de um cidadão de Guimarães pela sua cidade.

Por falta de condições económicas não consegui frequentar uma escola de música, nem mesmo uma *rock-school*. E lembro-me tão claramente como se estivesse a viver o momento. Enquanto estava pela cidade a tentar decidir qual escola poderia escolher que, ao encontrar um *flyer* de uma escola profissional, vejo que a mesma abria um curso pioneiro na altura, “Desenho Digital 3D”. Ao perceber que podia trabalhar em Arquitetura, Arte e Jogos de computador foi então uma opção fácil.

Estes três anos que decorreram na frequência do curso definiriam aquilo que hoje é a minha visão, ainda “verde” do que é ser professor. Todos os docentes marcaram a minha vida. Começando por aquele que foi o meu professor de Desenho de Representação. Admito que as primeiras aulas foram um pouco aborrecidas, apenas exponha algumas técnicas de desenho para que tudo no papel estivesse relativamente proporcional. Até ao dia em que começamos a visitar a cidade e a desenhar as suas paisagens, as ruas e casas. Por vezes um professor tendo as condições necessárias pode e deve sair da sala de aula, optando por um local onde consegue melhores recursos e matéria-prima para ensinar a sua matéria com mais eficácia. E foi desta forma que o ano escolar decorreu.

Os últimos dois professores que vou referir foram aqueles que ao longo desses três anos estiveram mais próximos a nível académico e pessoal. O secundário é a altura em que o aluno descobre ou decide o que pretende seguir para o resto da sua vida. Apesar de naquela altura não poder ter seguido a área da música, ainda tinha alguma esperança

em conseguir entrar em arquitetura na Universidade do Minho. Nesta parte tenho de mencionar os professores de Geometria Descritiva e de Matemática, duas das grandes disciplinas deste curso profissional. A primeira aula com o meu professor de Geometria foi, devo dizer, curiosa. Uma apresentação aparentemente normal, cada aluno se apresentou, até que chegou a altura do professor. Este já com alguma idade, explicou que iniciou a sua carreira como arquiteto quando ainda nem havia computadores, o que significa que teve o privilégio de fazer todos os projetos desenhados à mão com a famosa tinta-da-china. Segundo os seus relatos, após a introdução da tecnologia em basicamente todo o mundo de trabalho, a arquitetura foi demasiado influenciada por *softwares* como “*AutoCad*”. Numa primeira fase conta que assumiu chegar a recusar fazer uso das ferramentas tecnológicas, até que chegou a uma altura em que por necessidade económica, e já alguma falta de novo conhecimento na área, teve de se reconstruir como arquiteto e como professor, procurando renovar todo o seu conhecimento e toda as suas práticas. Neste momento e segundo o próprio, foi a viravolta da sua carreira.

Após esta pequena história posso concluir que um professor deve sempre procurar ao longo da sua carreira como docente, e profissional, renovar o seu conhecimento científico e prático. Deve pretender descobrir o que existe de novo na sua área, ou mesmo outras técnicas inovadoras a ser implementadas. Esta é uma característica de extrema importância não só num docente mas em qualquer outro profissional de qualquer área, principalmente nos dias de hoje em que temos um avanço tecnológico muito rápido, e que influencia o nosso estilo de vida e o nosso conhecimento. Contudo devo aceitar que este mesmo professor me ensinou igualmente outra característica essencial que um professor deve conter. Após um teste da sua disciplina, para o qual estudei durante muito dias, e depois de ter recebido a correção vejo a nota plasmada - um dezanove. O docente em causa proferiu as seguintes palavras que nunca vou conseguir esquecer, “(...) o teste está muito bom, limpo, claro, destacas o mais importante, só não dou vinte porque nunca dou vintes, nem aos meus alunos da universidade.”. Admito que na altura pouco me afetaram estas palavras, apesar de não ter conseguido a nota que merecia, mesmo tendo sido alta. Contudo hoje com o olhar de quem quer procurar ser um melhor profissional de ensino possível, retiro deste episódio a lição de que um professor deverá sempre reconhecer mérito ao seu aluno, sempre que este o merece.

Aquela altura, para mim seria a mais difícil em todos os níveis, académico, apesar da escola ser uma Escola Profissional, era bastante exigente com os seus alunos, e

a nível familiar. Na altura esta situação afetou um pouco o meu desempenho como aluno pelo que o papel dos professores que já destaquei foram importantes. Um dia em que estava numa aula de Matemática o professor disse que gostaria de falar comigo no final da mesma. Apesar de não ser o trabalho deste docente, ele fez notar que percebeu que alguma coisa se passava na minha vida. Sem saber como nem porquê, lembro-me de lhe ter explicado o que se estava a passar e o próprio agiu como um “psicólogo” e ofereceu-se para me ajudar caso fosse necessário. Este episódio foi provavelmente importante para que me sentisse seguro e não me fez sentir sozinho. Após aquela atitude voltei a ser mais participativo, recuperando algumas notas com sucesso. Desde então sempre tive uma relação próxima com esse professor, o que me ajudou bastante e continuamos a falar até aos dias de hoje. Na altura de final do curso este meu professor e o de Geometria, sabiam que eu estava interessado a ingressar em arquitetura, fizeram uma reunião com toda a turma. Apesar de me sentir motivado, refiro nunca me senti capaz de enfrentar um curso superior, e nunca senti que tinha as competências necessárias que um estudante universitário deveria possuir. Estes dois docentes foram aqueles que mais acreditavam e mais me faziam sentir capaz de arriscar e fazer as provas de ingresso. A verdade é que por questões financeiras estava impossibilitado de entrar numa instituição de ensino superior, sendo urgente a minha entrada no mercado de trabalho. Ficaria então mais quatro anos a trabalhar na área de arquitetura e *design* o que me permitiu construir e adquirir ferramentas e preparar a minha entrada no Instituto Politécnico de Bragança na área da Música. A partir desse momento, pude encontrar a minha paixão pela docência e apaixonei-me ainda mais por música com o efetivo trabalho na escola e fora da mesma com os colegas e com os professores.

Concluindo esta narrativa devo referir que após esta extensa reflexão, não posso deixar de pensar que talvez todo o meu caminho escolar como aluno, foi importante para preparar o futuro profissional que espero ter a oportunidade de seguir. Creio que o mesmo também serviu para me mostrar também como deve agir e ser um professor. Entendo portanto, de acordo com a explanação apresentada, que um professor deverá sempre procurar:

- saber deixar a criança explorar e descobrir os seus talentos, sejam eles artísticos, intelectuais, desportivos, etc...;

- oferecer experiências extraescolar às crianças. Explorando livros, filmes, por exemplo. E mostrando que existem mais áreas para além da Matemática, Estudo do Meio, Ciências, entre outras;
- ser um agente promotor da inclusão nas suas aulas. Ou seja, sempre que perceber que é um fator contributivo para o bem-estar e o bom ambiente entre os alunos, incluir estes que apresentam maior facilidade, ou mais à vontade com os conteúdos, no processo de ensino com aqueles que podem apresentar mais dificuldades;
- ensinar aos alunos, mas também aprender com os eles;
- mostrando aos alunos os diferentes contextos locais através de outro género de olhares, explorar a sua arte, os seus costumes, as suas paisagens. Fazer uso das entidades de promoção artística e cultural no processo de ensino. Tentar sempre que seja possível sair do espaço fechado de sala de aula;
- renovar o conhecimento, as suas estratégias, fazer uma reflexão regular da sua ação como docente. Procurar saber que novo conhecimento existe na área, estar a par dos avanços tecnológicos e saber retirar desses avanços, as formas necessárias para uma melhor prática letiva;
- conhecer os seus alunos, os seus contextos, as suas histórias, as suas opiniões sobre os mais variados temas, e fazê-los pensar sobre o trabalho que está a ser feito, que tipo de pessoas querem ser, que tipos de alunos podem ser;
- ser um guia para o aluno, mostrando-lhe as melhores opções que podem tomar.

Creio que estes indicadores podem auxiliar ao trabalho de um professor no sentido de poder acompanhar o aluno nos seus obstáculos. Um docente aconselha, guia, orienta se possível durante o percurso de estudante e pela vida toda, tornando-se um guia indispensável de forma a criar bons cidadãos numa sociedade que se pretende ser justa.

Estas características agora anunciadas e que foram extraídas da experiência e vida como aluno, entendo que representam alguns dos atributos que um professor deverá ter e ser. Uma missão extremamente difícil sim, contudo é uma incumbência que todos os professores escolhem a partir do momento em que decidem seguir esta profissão. Ajudar a construir uma sociedade e uma pessoa, é de facto algo que nos deveria fazer sentir satisfeitos. Devo admitir que da pouca experiência que pude adquirir no primeiro período do estágio, ao ver o sorriso dos alunos com os quais trabalhei, fez-me sair da sala de aula com o coração cheio e perceber que afinal “eu quero ser professor de música”.

Gostaria também de ter outros desafios tais como o de assumir uma direção de turma, gostaria de transferir aquilo que todos os meus professores em particular os do ensino secundário me legaram. Provavelmente não conseguirei ser totalmente bem-sucedido com todos os alunos que irão passar pela minha sala de aula, mas se puder expressar a mensagem nem que seja só para um aluno, considero o meu trabalho realizado.

Finalizo esta introdução com uma frase que surgiu no meu pensamento enquanto produzia esta reflexão: *“Um professor está em estágio durante 12 anos, e depois é que começa a sua formação”*.

Para que este ponto fique ainda mais completo decidi contactar alguns destes professores e colocar a questão que encima este ponto – O que é ser professor? Desta maneira entendi que era uma forma de os incluir e deixar o seu testemunho:

*“Ser Professor é dar um pouco de nós, passar conhecimento e tentar transmitir o saber estar e ser. É ensinar e aprender com o aluno. Uma experiência única e gratificante.”*

### **Professor de Desenho digital e Modelação Tridimensional**

*“Ser professor é ser jovem para sempre! É poder contribuir para o crescimento e evolução de uma nação! É partilhar o conhecimento, o carinho, os valores que também um dia lhe foram incutidos! É ensinar e aprender todos os dias! É crescer e evoluir com os alunos e, acima de tudo, ser feliz com o que se faz. Principalmente, quando um dia mais tarde, vê os frutos daquilo que plantou. Um bocadinho de mim, vai sempre convosco, e isso deixa-me feliz.”*

### **Professora de Inglês**

*“Ser professor hoje é contactar e interagir com os alunos, descobrir como eles são, vê-los crescer, mostrar caminhas, dar as mãos e administrar conhecimentos.”*

### **Professora do primeiro ciclo**

*“Vejo um bom professor de música, alguém muito disponível para amar o gozo de uma criança fascinada por um som. Se encontrarmos um colega que esteja fascinado com isso e que perceba que a criança se apodera dele e pode transmitir e passar a outros, isso pode ser um bom princípio. Ficamos fascinados com uma criança que fica parada porque ouviu um excerto musical que não sabe de onde vem e pergunta-nos o que +e que é. Isso transporta-nos para um baú do fundo da gaveta que todos nós temos que ter. Mas não é fácil. Não é nada fácil ser um professor de música com crianças mais pequenas. Como é que isto se faz? Faz-se com gente*

*astuta do ponto de vista estético, apurada do ponto de vista técnico, alguém apaixonada pelo seu instrumento, seja um som na flauta de bisel, seja um som numa guitarra ou piano, mas que passe esse testemunho e as crianças nos olhem e digam “olha, traz outra vez a guitarra amanhã, que eu quero voltar a cantar aquela canção, porque tu é que sabes cantar bem.”. Se tivermos isso cá dentro, podemos depois pensar em aprender tudo o resto na didática, psicologia e técnica da música.”*

### **Professor de Educação Musical**

*“Ser professor é, sentir orgulho pelo sucesso dos seus alunos e acreditar que de alguma forma contribuiu pra que tal acontecesse”*

### **Professor de Desenho de representação – Professor de Educação Visual**

*“Ser professor é ser um farol que guia os seus alunos na descoberta do seu potencial, privilegiando sempre a dimensão humana e respeitando a individualidade de cada um!”*

### **Professor de Matemática**

*“Muito poderia dizer sobre o que é ser professor, desde o estar atento e responder aos problemas, solicitações, dificuldades, anseios de cada um dos meus alunos, tanto individual como em grupo/turma, até à angústia da avaliação e da ponderação de justiça, atendendo à especificidade de cada um, mas isto faz parte do perfil e do desempenho de qualquer professor... Apenas numa frase, que talvez englobe a sensibilidade, disponibilidade, empenho, conhecimentos técnicos e científicos que todos devemos ter, ser professor é ser como que uma alavanca para o futuro!”*

### **Professor de Geometria Descritiva**

## Quadro Teórico

Em todo o percurso académico superior foi-me facultado uma infinidade de conteúdos científicos na área da música que tive de estudar intensivamente, por vezes passando noites em claro a fazer um trabalho escrito, a estudar uma obra, a compor e a analisar, preparar atividades, entre demais tarefas solicitadas. Desta maneira, pude solidificar os meus conceitos e conteúdos musicais teóricos e práticos. Quando cheguei ao último ano da licenciatura surgiu também a altura de começar a pensar que género de professor queria ser para os meus futuros alunos. Creio que é uma questão muito pertinente e que todos os docentes e futuros docentes se interrogam, ou deveriam questionar.

Após o ingresso no Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico, esta pergunta ficou cada vez mais presente no meu dia-a-dia. Percebi que os primeiros estudos sobre a prática profissional do professor de EM remontam à segunda metade do século XX (Cunha, 2013), e ao pesquisar literatura sobre o tema pareceu-me pertinente, antes de procurar respostas às minhas dúvidas, perceber primeiro sobre o que é esperado que um professor produza durante a sua carreira. Ou seja, ensinar. Assim, numa primeira parte deste ponto vou procurar refletir em torno do que esta prática significa. Deste modo, parece-me pertinente fazer as seguintes questões, “o que é ensinar?” e talvez aquela que é a questão, contudo um pouco mais filosófica, que passa por todos os alunos dos cursos de formação de professores, “como ensinar?”.

Como professores temos os programas e os planos de atividades que nos indicam o que lecionar, possuímos os manuais que oferecem um conjunto de atividades ou propostas sobre como abordar melhor um tema. Mas a questão fica sempre presente. Podemos em primeiro lugar fazer uso do dicionário da língua portuguesa para procurar o significado da palavra ensinar e compará-la com a respetiva literatura sobre o tema. Segundo o dicionário ensinar significa

*“Do latim \*insignāre, por insignire - Ensinar – 1.  
Transmitir conhecimentos e competências. Doutrinar, instruir*

*sobre. Indicar. (animais) adestrar; treinar. Figurado castigar; dar uma lição a. – Verbo intransitivo – dar aulas; lecionar”<sup>4</sup>*

Ao refletir sobre este conceito/termo, inevitavelmente surgiu a pergunta “o que é o ensino?”. Ao fazer novamente uso do mesmo, o significado de “Ensino” é:

*“Nome masculino, Ato de ensinar. Transmissão de conhecimentos e competências; instrução. Transmissão de princípios relacionados com comportamentos e atitudes correspondentes aos usos socialmente tidos como corretos; educação. Organização dos diferentes ciclos de estudos no sistema educativo. Sistema escolar. Arreia docente. (Animais) adestramento, treino. Ensinadela, punição, repreensão. Forma do Verbo ensinar.”<sup>5</sup>*

Após ter indagado o significado destas duas palavras que para um professor fazem parte do seu dia-a-dia, posso anuir que ensinar passa fundamentalmente pela transmissão de conhecimentos e desenvolvimento de competências. Deste modo, e de acordo com Roldão num livro publicado por si “Estratégias de Ensino – O saber e o agir do professor. (2009)” o mesmo refere algumas investigações e publicações que tentam perceber o que este tema significa para alguns professores, apresentando os pontos retirados destas revisões sobre o que representa ensinar:

- *é dar a “matéria”, isto é, explicar aos alunos conteúdos, factos, teorias que fazem parte da cultura que deve ser passada a outra geração;*
- *é facilitar o trabalho de aprender que os alunos devem desenvolver autonomamente;*
- *é organizar a apresentação dos conteúdos;*
- *é colocar questões que levem os alunos a pensar.*

*(Fonte: Roldão Estratégias de Ensino – O saber e o agir do professor)*

---

<sup>4</sup> *(Fonte: castigar* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-03-26 15:31:11]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/castigar>)

<sup>5</sup> *(Fonte: ensinar* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-03-22 15:14:51]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ensinar>)

Roldão vem de seguida indicar a sua ideia sobre o tema, expressando uma visão mais abrangente sobre a matéria, colocando aquilo que entende sobre o que o estudante deve aprender, promovendo as condições necessárias para uma aprendizagem ativa:

*“Ensinar consiste, do ponto de vista em que nos colocamos, em desenvolver uma acção especializada, fundada em conhecimento próprio, de fazer com que alguém aprenda alguma coisa que se pretenda e se considera necessária, isto é de accionar e organizar um conjunto variado de dispositivos que promovem activamente a aprendizagem do outro,(...)”* (Roldão, 2009, p. 14, 15)

Ensinar é de facto um processo que acompanha o ser humano ao longo da sua vida, mesmo que não se seja professor. Ao longo da história esta questão conduziu para desafios na procura de um significado. Talvez esta demanda pertença a um ramo mais filosófico. Contudo, assim como a nossa sociedade vai mudando, os significados de algumas práticas têm igualmente de acompanhar a evolução social. Passo de seguida a apresentar uma linha de pensamento interessante respetivamente a este tema. Passmore num seu artigo, diz-nos que ensinar é uma relação triádica, *“acerca do ensino: o facto de se tratar de uma relação triádica. Para todo o X, se X ensina, deve existir alguém e algo que é ensinado por X (...)”* (Passmore, 1980, p. 5). O mesmo autor refere ainda que ensinar:

*“(...) pode ser usado para referir, quer uma ocupação, quer um ato particular. Se se utilizar “ensino” no sentido de uma ocupação, como por exemplo em “X ensina ciências a estudantes mais adiantados”, X somente pode ser substituído por nomes de profissionais do ensino. Mas em frases do tipo “X está a ensinar alguém a fazer algo”, é muito plausível substituir X pelo nome de uma pessoa, qualquer que ela seja, excluindo bebês (...). Uma tal afirmação poderá ser sempre verdadeira visto que não há um único ser humano que, algum dia, não tenha ensinado algo a alguém. Neste sentido a frase “qualquer pessoa pode ensinar” é uma afirmação verdadeira, embora os professores profissionais não gostem de admitir tal fato. Não só qualquer pessoa pode tentar ensinar, como qualquer pessoa pode ser bem-sucedida no acto de ensinar algo a alguém”* (Passmore, 1980, p. 8, 9)

Esta apreciação que o autor refere vem reforçar a minha ideia sobre o que atualmente podemos pensar acerca de “ensinar”, e que tem que ver com algo muito mais do que apenas transmitir ou transferir conhecimento do professor para o aluno. Creio que, cada vez mais são necessários novos horizontes nos caminhos do ensino. Em pleno século

XXI a humanidade tem acesso, através dos mais variados meios tecnológicos, a toda a informação que podemos classificar como necessária. Temas como a História do nosso país, a História mundial, entre demais assuntos, encontram-se à distância de um clique. Podemos encontrar informação sobre ciência, temas religiosos e culturais, artísticos, podendo mesmo encontrar aulas online. Aulas que são por vezes oferecidas por universidades de renome internacional como por exemplo a universidade de *Yale* dos Estados Unidos que possui um canal na plataforma de vídeos online “*Youtube*”. A mesma oferece cursos sobre Composição Musical, Direito, chegando até à área da Medicina. Outro recurso online que está disponível a qualquer pessoa é o “*skillshare*”. Uma plataforma que disponibiliza aulas *online* sobre qualquer área de interesse desde o empreendedorismo até às artes. Tendo duas opções de subscrição, a gratuita ou premium, sendo que esta última nos dá acesso ilimitado a aulas e contacto com os professores. A “*Udemy*”, outra plataforma que dispõe de cursos sobre os mais variados tópicos, incluindo alguns na área da música, tendo a vantagem de após a compra do curso ser possível possuir um certificado. Não só coloca o professor à disposição do aluno como também permite a criação de fóruns onde são debatidos várias áreas. Obviamente que estas situações não significam a passagem de diplomas, dado que os mesmos só podem ser realizados por Escolas, Politécnicos e Universidades de forma certificada. Contudo, e apenas referindo-me aos cursos na área da música, a formação por estas vias, pode ser um meio de auxiliar o aluno para que o este possa confrontar formas e estilos de composição encontrados ao longo da história da música até aos dias de hoje. Este é um exemplo de como nos dias de hoje o termo ensinar pode ter um significado diferente do preconizado no século passado, onde os temas acima referidos apenas estavam disponíveis na escola, e através de um professor. Segundo Fonseca, “*Ensinar é mostrar ao aluno a beleza e o poder de pensar, de quebrar as algemas que tornam o homem coisificado, (...), dominado pela globalização e pela média.*” (Fonseca, 2008, p. 8).

Esta citação permite olhar para a prática de ensinar como uma orientação para o aluno saber organizar toda a informação que recolhe e irá compilar durante toda a sua vida. Assim e como já referi, ensinar passa a ser mais que a transmissão de conhecimento. Transforma-se na orientação do aluno na construção do seu ser, dos seus saberes de forma a tentar despertar a sua curiosidade para um conhecimento constante. Citando a mesma autora:

*“Formar pensadores é formar indivíduos livres, capazes de duvidar, de criticar, de sentir, de intuir, de lutar por si e pelo bem comum. Pensar é viver, é encontrar o seu caminho. Ensinar é correr riscos, errar e acertar, inovar, aprender a aceitar as diferenças, não discriminar, acreditar, criar alternativas, buscar soluções. Ensinar exige criticidade, ética, pesquisa, humildade e tolerância, competência, segurança, generosidade”* (Fonseca, 2008, p.8, 9)

Para reforçar esta ideia que ensinar é mais que a transferência de conhecimento a autora faz uma citação de Freire *“(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”*. (Freire, 1996:26, in Fonseca, 2008, p.9).

Encontramos também nas palavras de Santos & Junior o fortalecimento do que se tem vindo a redigir e que afirmam que o professor tem,

*“(...) a responsabilidade de promover meios que possam estimular e desafiar o discente, para que o mesmo possa ter condições de se tornar sujeitos ativos e autores do seu próprio conhecimento.”* (Santos & Junior, p.3)

Continuando o desenvolvimento deste tópico, começo agora a explanar o tema essencial “O professor”, procurando desconstruir a pessoa que se irá tornar professor perguntando “Quem é o professor?” e “Qual a sua formação?”. Não pretendo aqui configurar o perfil de um ideal ou descrever o mesmo, apenas tecer algumas considerações.

Neste seguimento, depois da declaração de Bolonha ficou definido que para quem deseja ter acesso à profissão docente deverá frequentar uma licenciatura em uma área específica seguido de um mestrado profissionalizante.<sup>6</sup>

*“No que diz respeito à formação de professores, a grande mudança ficou consignada na obrigatoriedade da obtenção do grau de mestre para a docência em todos os graus do ensino não superior, incluindo a Educação de Infância. Os dois subsistemas do ensino superior (universidades e politécnicos) passaram, assim, a oferecer dois perfis de formação: a licenciatura de três anos numa área específica do saber, e o mestrado profissionalizante de dois anos para o exercício da docência.”* (Mota, 2015, p. 47)

---

<sup>6</sup> No meu caso, Licenciatura em Música e Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico. Ambos na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.

A autora refere também que são nas Escolas Superiores de Educação que se formam os docentes de EM no ensino básico, e que para as instituições dedicadas ao ensino especializado da música, o professor tem a sua formação numa Escola Superior de Música.

*“Quanto à formação de professores para as diferentes instituições e níveis de ensino (...), esta tem lugar nas Escolas Superiores de Música (professores para o ensino especializado de música) e nas Escolas Superiores de Educação (professores para o ensino da Educação Musical no EB)” (Mota, 2015, p. 46)*

Tentando perceber agora “quem” é o professor para lá da sua formação, segundo Nóvoa podemos identificar a segunda metade do Século XVIII como período chave na educação, *“A segunda metade do Século XVIII é um período-chave na história da educação e da profissão docente. Por toda a Europa procura-se esboçar o perfil do professor ideal.”* (Nóvoa, 1999)

Em um outro livro o mesmo autor refere que:

*“O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor (Nias, 1991). Urge por isso (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida.”* (Nóvoa, 1992, p. 12)

Nóvoa refere também uma característica essencial no perfil de um professor, a sua capacidade de autorreflexão, e trabalho autocrítico sobre as suas práticas:

*“A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência”* (Nóvoa, 1992, p. 12)

Seguindo este pensamento de desenvolvimento pessoal, para além de um professor ser uma pessoa com grande capacidade autorreflexiva e crítica, é exigido também que em início de carreira tenha a maior dedicação à mesma, entendendo-se por vezes a que os mesmos abdicuem dos seus planos de vida pessoal, nomeadamente

constituição de família para aqueles que planeiam um dia vir a casar e criarem os seus filhos ou saírem de casa dos pais e conquistar a sua independência financeira.<sup>7</sup>

Sendo as causas para tal, as grandes problemáticas respetivamente à colocação de professores nas respetivas localidades onde lecionam, implicando a deslocação de cidade em cidade todos os anos. Isto não só exige uma grande capacidade de adaptação, como de estabilidade mental e emocional, de auto motivação e um sentido de compromisso extraordinário por parte do professor. Segundo Maria Helena Cavaco:

*“(...) o sistema de colocações movimenta, de escola para escola, entre localidades e regiões, muitos docentes em início de carreira. Por isso, para os professores, o primeiro ano de profissão pode reflectir-se, ano após ano, não só com as deslocações de escola e de localidade como de nível de ensino. Se a experiência adquirida vai tornando menos dramático o enfrentar sucessivo de novos públicos e a adaptação a organizações de escolas diferentes, os compromissos decorrentes da vida familiar construída podem tornar cada deslocamento mais difícil que o anterior (...) Insegurança, sobrevivência, adaptações, conformismo, alienação, são termos referidos pelos professores, jovens ou recordando o passado, a justificar um percurso que leva ao cepticismo perante as oportunidades que por vezes surgem, ao fechamento dos desejos, á incompreensão dos que têm outros pontos de vista” (Cavaco, 1999)*

Refletindo um pouco na capacidade de ponderação que um professor tem de possuir na sua carreira, e transportando para a disciplina de EM, esta competência pode ser útil para perceber a envolvimento do aluno na disciplina e na aula. O professor deve meditar não só nos conteúdos, mas também nos recursos, abordagens, metodologias, etc, que usa para que estes sejam veiculados para os alunos. A escolha de repertório a ser trabalhado por exemplo, pode ser fulcral. Estar atento às escolhas do aluno, ouvi-lo, entre outras situações, parece-me importante. O primeiro contacto com uma turma pode ser usado como o ponto de partida para esta abordagem, perguntar o que o aluno ouve, o que gosta e o que gostaria de trabalhar. Com a mesma visão encontramos as palavras de Green, *“(...) os primeiros quatro dos cinco princípios das práticas informais de ensino da música (...) foram enfatizados em aprender a música que os alunos escolhem para si*

---

<sup>7</sup> Esta visão aparentemente “retrograda” foi uma realidade num determinado período do contexto Português: o repto da “pátria, família...” na qual vigorava a ditadura, impeliram muitas pessoas (na maioria mulheres) para esta profissão, cuja dedicação era de tal forma abrangente que muitas não chegavam a casar. Este testemunho foi fornecido pela minha orientadora cuja mãe, outrora professora do 1.º ciclo, quando entendeu casar, teve de solicitar autorização ao governo de Salazar. No meu caso, já com 27 anos, apesar de não pretender “casar”, vejo ainda longe o momento em que irei começar a minha vida familiar e a (re)conquista da independência financeira. Deixando assim de depender da família que muito sacrificou, e ainda sacrifica para que possa ter a oportunidade de um futuro digno, e uma carreira docente.

mesmos (...)” (Green, 2008, p.25)<sup>8</sup>. Neste seguimento, temos a voz de Líbano, que no seu Relatório de Prática de Ensino Supervisionada, abordou este tema, referindo que:

*“Se o CNEB reflete a obrigatoriedade de o professor abordar conteúdos como estilos, elementos musicais e instrumentais, tocar, cantar e compôr, da qual não discordo, também sinto a necessidade de proporcionar aos alunos experiências que desenvolvam as suas relações sociais e emocionais. Assim, a minha proposta é no sentido de desenvolver um modelo de ensino/aprendizagem no qual o gosto e as escolhas musicais dos alunos, ou seja, a música do quotidiano individual de cada aluno, constituam o ponto de partida para a aprendizagem dos conteúdos programáticos designados pelo Ministério da Educação.” (Líbano, 2012, p.16)*

Arquitetando uma análise mais pessoal creio que posso concluir que a área da docência exige uma espécie de super-herói da Educação. A formação de professores começa não só na sua formação académica, mas passa também principalmente na sua qualificação pessoal, na capacidade de tomar decisões, controlando as suas emoções e baseando-se naquilo que é melhor para os seus alunos e comunidade escolar. Cruza também pela construção de uma incrível estabilidade mental e emocional. Julgo mesmo que transmonta também pela edificação de uma pessoa crítica em relação à sociedade e autocrítica, pela sua capacidade de se manter informado em relação às necessidades sociais e ao mundo.

Em nenhuma outra época da história encontramos um avanço tão rápido no conhecimento científico e tecnológico. Com isto surge também a necessidade de a nossa mentalidade num todo com a sociedade e mentalidade como professor em adequar-se aos tempos contemporâneos. Considerando que atualmente o professor não é a única fonte de conhecimento disponível ao serviço da escola, é necessário reinventar processos de ensino.

*“A Escola terá que se tornar capaz de dotar os jovens de competências como a utilização eficaz de ferramentas digitais, o saber pensar e reflectir, o ser capaz de compreender e seleccionar a informação, de dividir tarefas e trabalhar em equipa, a par da adaptabilidade, flexibilidade, responsabilidade, autonomia, espírito de iniciativa, necessárias para viver a Sociedade da Informação.” (Simões, 2008, p.7)*

---

<sup>8</sup> Tradução de autor do original (*Music informal learning and the school a new classroom pedagogy*)

Não pretendo aqui desvalorizar as características que reportam ao que era referido como um docente “definidas” no século XX, bem como toda a investigação produzida. Pretendo apenas centrar a minha análise naquelas que são as características que penso serem necessárias para os desafios do século XXI, o chamado século da informação. A escola os alunos e a sociedade vivem transformações de uma forma mais acelerada. Para Marques:

*“Sabemos que a era do professor, em que a única finalidade de ensinar era transmitir informação e as habilidades necessárias para a adquirir chegou ao termo, o importante nas escolas de hoje é que o professor estimule nos alunos o desenvolvimento de capacidades de organização do conhecimento de diferentes formas, preparando os alunos para uma apropriação crítica do saber, (...)”* (Marques, 2013, p.18)

Na sua tese de mestrado e no seguimento desta citação, Marques faz uma referência a Freire e Cortesão que me parece pertinente para a conexão do início deste ponto (Ser Professor, Quadro Teórico) sobre o ato de ensinar:

*“(...) “ensinar não é transmitir conhecimentos mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”* (Freire, 1996, p.26). *Assim, o papel do professor é de criar as condições para a invenção, em lugar de fornecer conhecimentos consolidados, estimulando nos alunos o desenvolvimento de capacidades para jogar o jogo e sobretudo para mudar as regras do jogo* (Cortesão, 2000)” (Marques, 2013, p.18)

Trazendo a esta discussão do quadro teórico uma parte do meu passado como estudante, quero recordar o meu professor de Geometria, que, numa altura da sua vida teve de se reinventar como arquiteto e desenvolver as suas competências tecnológicas na área. Esta situação permite-me invocar um ponto essencial naquilo que é o perfil de um professor do século XXI, a renovação do seu saber. *“Perante estas mudanças constantes da sociedade atual e das teorias educativas e pedagógicas surge uma nova visão do professor como um profissional em permanente desenvolvimento, (...)”* (Marques, 2013, p.17).

De forma a efetuar e articular o que anteriormente foi referido com a disciplina de Educação Musical, pretendo salientar as várias formas de escrita musical que

apareceram no século XX. Algo que seria interessante também explorar na sala de aula é orientar o aluno a criar a sua própria escrita musical, neste sentido Correia afirma que:

*“Cabe ao professor levar as crianças a inventar os seus próprios símbolos, que serão depois utilizados de forma organizada. Esses símbolos podem também estar relacionados com os instrumentos musicais que darão à criança a oportunidade de criar a sua partitura não convencional. “Nesta notação a criança não precisa ter grandes noções da música, para criar. Basta saber interpretar os símbolos, criar códigos e convencionar diferentes códigos para a sua interpretação” (Martins M. , 2004 b, p. 13) .”* (Correia, 2017, p. 23, 24)



Figura 1.

**Guero**  
für Klavier

Helmut Lachenmann (1969)  
revidierte Fassung 1988

zwei Oktaven höher  
 ein Teilstrich = ♩ = ca. 60  
 c'-Linie  
 f mit Druck  
 zwei Oktaven tiefer

Figura 2

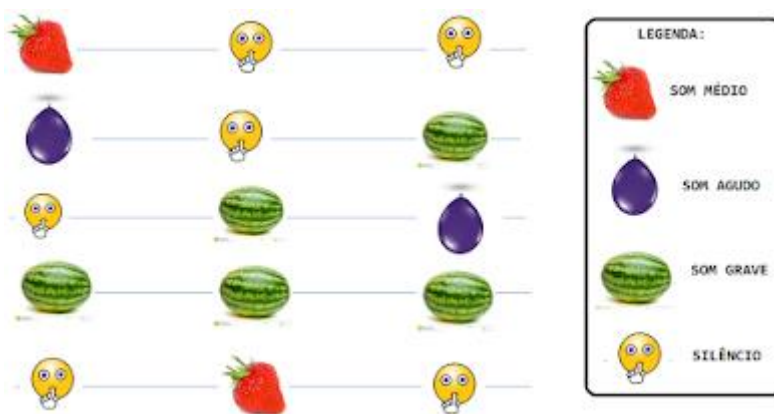


Figura 3

Esta diferente e variada forma de notação musical vem contrastar bastante com a escrita que prevaleceu (e continua maioritariamente a prevalecer), durante pelo menos quatrocentos anos

Durante o período de observação percebi que os alunos quando tinham contacto com as notações alternativas apresentavam mais facilidade na leitura e na execução, mesmo com instrumentos alternativos como vou expor mais à frente neste ponto.

A renovação do conhecimento é de facto um agente de muita importância no professor do século XXI, nomeadamente de EM e pode ser o aspeto necessário para uma melhor aprendizagem do aluno, criando uma favorável atmosfera de ensino. Como alude Simões:

*“Ao professor cabe aprender a recorrer, gerir e potenciar todos estes espaços, numa actualização científica e pedagógica permanente que lhe permita a criação de situações e ambientes de aprendizagem ricos em tecnologia, conectados e expandidos.”* (Simões, 2008, p. 8).

Outro fator importante, na minha opinião, que um professor deve possuir, é algo que não se aprende durante a formação, e que tem um período de maturação ao longo da vida. Ou seja, trata-se da capacidade humana para estar disponível para – o aluno, de forma a conhecê-lo, saber quem este é, quem ele quer ser, o que ele gosta e o que ele não gosta. Acrescento ainda, e penso ser importante nos dias de hoje, perceber o que o aluno pensa da escola, das aulas e outras situações que o auxiliem no processo de crescimento total e em diferentes vertentes. Conhecer o aluno para além do nome e criar uma boa

relação professor/aluno, certamente ajuda qualquer professor(a) a orientar o seu educando ao sucesso. Neste seguimento Kieckhoefel assinala que:

*“Nesse olhar, o professor que compreende e valora a presença da afetividade nas relações de aprendizagem tem maiores possibilidades de tornar-se inesquecível aos seus alunos, seja pelos saberes que professa, seja pelo exemplo que é. Logo, a prática pedagógica ganha com essa forma sábia de conceber o ato educativo. (...) Nesta relação é muito importante que o professor conheça a realidade e as experiências existenciais de seus educandos. É preciso conhecer este sujeito e também desprender olhares totalizantes sobre a realidade, ter o olhar atento sobre os educandos, saber sobre eles e sobre seus processos de aprender.”* (Kieckhoefe, 2011, p. 38, 39)

A mesma autora reporta, neste artigo, a uma citação de Freire:

*“[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. (FREIRE, 2004, p. 68).”* (Kieckhoefe, 2011, p. 39)

De facto, ao longo da minha PES fui percebendo que sempre que me envolvia em conversas sobre vários temas, desde jogos, músicas, séries de televisão e até sobre o mundo do ensino superior, ia criando um “laço” com os alunos muito especial. Deste modo e ao longo do tempo, tornava-se mais fácil fazer com que o aluno estivesse interessado na aula e com a iniciativa própria para conceber algo. Convém refletir que as crianças e adolescentes atualmente estão a desenvolver-se num mundo completamente diferente daquele que nós, futuros docentes de qualquer área curricular crescemos. Num tom mais informal agora, penso que as pressões sociais, familiares e escolares conduzem a que o aluno viva constantemente sob pressão e por vezes se observe frustração. Assim, última coisa que querem é um professor autoritário. Ninguém aprende num ambiente de desencanto, de falta de motivação. Na sua tese de doutoramento Abreu apresenta uma entrevista a vários docentes de EM e outras áreas. E numa destas entrevistas alguns docentes declaram que:

*“Como professor de música, Beleza Pura procura observar as necessidades do aluno, para, assim, fazer com que ele aprenda música. A esse respeito, Saigon contou que: “a gente precisa entrar na deles, conhecer primeiro quem são eles, saber mais da vida deles, que música eles ouvem, o que eles gostam de fazer, ver de maneira global entende?” A mesma coisa disse Viola Enduarada: “o professor tem de entrar no mundo do aluno, falar a gíria dele, criar amizade, conquistar ele para querer estudar. Se você não faz isso, ele fica rebelde, e não vai querer aprender”.*

*Indo nessa mesma direção, Fascinação acredita que “você precisa conhecer o aluno e para você [o] conhecer, você precisa investigá-lo. Porque o que marca na vida do aluno não é o que você sabe, mas o jeito que você olha pra ele, pra ensinar”. (...)” (Abreu, 2011, p. 113, 114)*

Por motivos políticos, acomodação ou simplesmente cansaço muitos professores acabam por perder o gosto pela sua profissão e o interesse pelos alunos. Esta situação fica muitas vezes salientada nas suas práticas e em vários relatos dos discentes, e nós próprios apercebíamos-nos destas situações quando tínhamos um professor que apenas ministrava a matéria, fazia o teste e não procurava outras situações. Este género de ensino aconteceu por exemplo na disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação, na qual o professor nem se importava que os alunos estavam a jogar, desde que “estivessem calados”. Assim, penso que se um professor demonstra atitudes de “desinteresse” pela sua atividade, como se pode pedir a uma criança ou adolescente que tenha interesse?

No meu ponto de vista há algo que entendo poder ser um bom fio condutor para que se consiga mais sucesso dos alunos na sala de Educação Musical e que é a relação pedagógica que é criada. Sendo a música um fenómeno presente quase sempre na vida do ser-humano, independente dos gostos musicais, creio que no contexto escolar esta área pode aproximar o professor e o aluno ainda mais. Assim, se começarmos por mostrar interesse em conhecer o gosto musical dos alunos, pode ser uma boa estratégia para conseguir a atenção dos mesmos. Ninguém aprende com gosto, com alguém que não respeita. Não só devemos mostrar esse empenho mas também conhecer o aluno, o que ele gosta de fazer nos tempos livres por exemplo. E creio ser crucial que não se devem julgar as opções tomadas pelos discentes de forma a respeitar as suas opiniões. Todas possuem o seu valor e portanto, o sucesso de um bom trabalho também pode passar por esta situação.

*“Em se tratando da educação infantil, a relação do professor com os alunos é constante, dá-se o tempo todo, na sala, durante as atividades, no pátio, e por essa proximidade afetiva é que se dá interação com objetos e a construção do conhecimento.”*  
(Mello & Rubio , 2013, p. 7)

Parece existir, nos dias de hoje cada vez mais crianças cujos pais, por motivos profissionais e outros, não passam muito tempo com os seus filhos. As razões são diversas e não cabe neste documento a sua discussão. Por esta razão os professores estão na linha da frente, estando grande parte do tempo com as crianças e fazendo parte deste modo, das suas vidas ao longo de muitos anos. Creio pois, que diferentes gestos de amabilidade podem proporcionar empatia nos alunos e como foi referido anteriormente, pode ser importante para marcar a diferença e assim formar um ambiente de bem-estar e de sucesso na aprendizagem dos discentes, tal como é salientado na citação que coloco em baixo:

*“Pequenos gestos como sorrir, escutar, refletir, respeitar são, entre tantos outros, necessidades que levam o sujeito a investir na afetividade, que é o “combustível” necessário para a adaptação, a segurança, o conhecimento e o desenvolvimento da criança.”*  
(Mello & Rubio , 2013, p.7)

As autoras Mello & Rubio, citando Saltini no seu artigo publicado na revista “*Revista Psicologia & Saberes*”, referem::

*“(...) SALTINI (2008, p.100) afirma que, “essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento.” O referido autor complementa: “Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.” (Saltini, 2008, p.100)”* (Mello & Rubio , 2013, p.7)

Outros autores também abordam este tema, tais como Kieckhoefel, no seu artigo apresentado no décimo Congresso Nacional de Educação – *Educere*, no qual refere uma citação de Marcelo Cunha Bueno:

*“É muito melhor aprender e ensinar quando existe afeto envolvido. Afeto não é apenas beijinhos, palavras melosas. Afeto é afetar. É o compromisso de transformar o outro. O coletivo. É desafiar, abrir caminhos. É dar as mãos, é generosidade. Não se educa sem generosidade. A escolha por ser professor deve passar por essa reflexão. Serei capaz de me entregar com afeto à minha profissão? Serei capaz de afetar o outro de forma a transformar a sua vida? Somos marcados por mapas afetivos para sempre! Escuto muitas pessoas dizendo que escolheram as suas profissões por conta de um professor específico. Por quê? Pela forma como esse professor afetou você pelo conhecimento. O afeto está na preparação da aula. Nas escolhas do professor. Na voz, no toque, nos pequenos gestos. No silêncio, na forma como esse avalia. Aprendi que de nada vale estar em uma superescola, com um supermaterial, num superespaço, numa superlinha pedagógica se não há seres capazes de afetar e dispostos a serem afetados pelos outros! Afeto é o que fica. Esse afeto que percebe que o educar se faz nas miudezas. É ele que vai além de toda a tecnologia pedagógica atual. (Marcelo Cunha Bueno)” (Kieckhoefel, 2011, p.38)*

O mesmo autor faz ainda uma alusão a Freire onde nos diz que:

*“[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. (FREIRE, 2004, p.68).” (Kieckhoefe, 2011, p.39)*

Tecendo agora algumas observações como forma de conclusão, e focando-me no professor de Educação Musical. Ainda é bastante recente a aparição de cursos de formação de professores de Ensino da Educação Musical no Ensino. O que, na minha opinião convoca à necessidade de uma maior maturação sobre este profissional do ensino, de forma a criar uma identidade mais sólida da docência na Educação.

*“A criação de instituições para a formação de professores de música é recente no sistema educativo português. Só nos finais da década de 80 e princípios da de 90, começaram a aparecer no sistema cursos de formação de professores (apesar das debilidades conceptuais, artísticas, científicas e pedagógicas) e disciplinas de carácter científico no domínio da educação (...)” (Vasconcelos, 2001, p. 13, 14)*

Contudo, muito tem sido o debate feito nos últimos anos, e bem, sobre a área e sobre o docente de EM.

*“De facto, o debate em torno profissão de professor de música e a sua operacionalização, decorreu, ao longo das últimas décadas do século XX, numa encruzilhada paradigmática que tem afectado o desenvolvimento da formação e da profissionalidade destes profissionais. Encruzilhada que resulta, por um lado, de uma “crise de ideias” e da ausência de um projecto social e cultural acerca do papel das artes na educação, acerca dos papéis deste tipo docentes e, por outro, da predominância de paradigmas assentes (a) numa perspectiva positivista da formação, em que a formação deve inculcar os meios através dos quais se pode ensinar música e (b) numa perspectiva reprodutora em que os professores tendem a ensinar como aprenderam.” (Vasconcelos, 2001, p. 14, 15)*

Refletindo um pouco, e ponderando aquela que foi toda a minha formação desde a licenciatura até ao mestrado sem querer aprofundar muito, não penso que exista uma “crise de ideias” ou de projetos sociais e culturais acerca do papel das artes na educação. Subsiste talvez, falta de direção do ensino das respetivas artes (música, teatro, pintura, entre outras áreas) no ensino, para os profissionais com a formação específica para a docência das mesmas. Ou seja, as aulas de Educação Musical, aos Professores de Ensino da Educação Musical, como por exemplo as atividades de enriquecimento curricular, que por vezes não são ministradas por docentes com a formação específica. Nesta linha de pensamento encontramos Líbano com as seguintes palavras do seu Relatório de Prática de Ensino Supervisionada.

*“Ignorou-se também o trabalho realizado, nos últimos vinte e cinco anos, pelas Escolas Superiores de Educação de formação de profissionais com uma “(...) qualidade musical de elevado nível, aliada a uma formação pedagógica e didática que permitisse encarar a Educação Musical desde os primeiros anos de escolaridade como algo a que todos os cidadãos portugueses deveriam ter acesso” (Mota, 2007, p. 16). (...) Na minha opinião, com a inclusão das AEC’s no sistema educativo retrocede-se o processo em várias décadas voltando a permitir que o ensino da música seja feito por docentes que não possuem a formação pedagógica e científica necessárias à implementação de um processo de ensino/aprendizagem correto como comprova a alínea*

c) do nº2 do artigo 16º do Despacho 14460/2008.” (Líbano, 2012, p. 10)

Vou centrar-me agora na fase final deste tópico, e começo por abordar as características mais específicas de um professor de EM recorrendo às “palavras” de alguém que fez parte do meu percurso no IPB. Cunha apresenta-nos, na sua tese de doutoramento com o título “Música bem temperada na escola.” algumas características que determinados autores atribuem ao professor de EM que irei citar neste relatório. Algumas das características são apresentadas por Jacobi-Karna que nos indica:

*“Já para Jacobi-Karna (2007) há certas características que um professor generalista de música deve possuir:*

*1) o talento musical, que é consubstanciado na competência técnica da música;*

*2) a compreensão das várias etapas do desenvolvimento da criança;*

*3) a organização – o profissional deve preparar antecipadamente as suas aulas, organizar os materiais da sua sala;*

*4) a energia – o professor deve conter e partilhar a energia que tem em si; desta forma, conseguirá ‘contaminar’ o grupo que tem à sua frente;*

*5) a sistematização – principalmente com as crianças mais pequenas; é importante que o professor use a repetição como fator não só de aprendizagem, mas também pelos motivos lúdicos que os grupos reclamam;*

*6) a paciência – cada grupo de crianças é único pela sua diversidade e, dentro dele, há indivíduos que aprendem e aplicam rapidamente uma proposta e há outros que não conseguem à primeira; é importante, portanto, cultivar o exercício da paciência com persistência.” (Cunha, 2013, p. 103)*

Com uma visão mais humanista, Cunha salienta na sua tese dois autores que vão ao encontro da minha opinião pessoal:

*“Beidler (referido in Smith, 2007). vê um bom professor como um professor que queira mesmo ser professor, que goste de correr riscos, que tenha uma atitude positiva, que partilhe confiança junto dos alunos e que os ouça. Seldin (referido in Smith, 2007) acredita que um professor completo deve tratar os alunos com*

*respeito e carinho, partilhar a informação com relevância, diversificar as suas estratégias, cultivar nos alunos a avaliação do seu desempenho, providenciar conteúdos exequíveis, exemplos práticos e criar um ambiente de sala de aula confortável.” (Cunha, 2013, p. 104)*

Continuando, Cunha traz-nos ainda a visão de Swanwick que nos indica três características essenciais para um professor “suficientemente bom”.

*“Swanwick (2008) argumenta que um professor de música “suficientemente bom” deve estar munido de três características essenciais:*

*1) Cuidado para com a música como algo vital e vivenciado do discurso humano; 2) reconhecimento da contribuição para o discurso musical das transações que os estudantes levam para a sala de aula, que leva ao conceito de independência do aluno e 3) a promoção da fluência musical (2008:12).” (Swanwick 2008:12, In Cunha, 2013, p. 104)*

Em forma de conclusão e focando-me agora naquilo que será a temática do presente relatório, gostaria de relatar algumas experiências e características que entendo que um professor deverá possuir e que vivi durante o meu período de formação. Estas características são fundamentadas naquelas que foram as minhas experiências nos momentos em que procurei iniciar os meus projetos musicais, e outros dos quais tive o privilégio de ver nascer. A presente narrativa irá também explicar aquilo que após estes meses de PES, são os pontos que a meu ver penso serem cruciais no professor de EM da atualidade.

Algo que penso que seja uma característica necessária que um docente possua na sala de aula é a capacidade de conseguir adaptar os conteúdos e as atividades aos problemas que os alunos irão encontrar quando acabarem o seu percurso escolar. No que toca à EM tentei enquadrar todo o trabalho feito naqueles que são os problemas que irão aparecer sempre que um grupo de músicos amadores encontram na formação inicial da sua banda. A isto, tentei criar em conjunto com os alunos um projeto final onde será apresentado todo o trabalho feito. Os alunos tiveram oportunidade também de poderem opinar e fazer as suas propostas. Algo que ajuda a trazer a motivação do discente para a

disciplina. Num artigo escrito por Oliveira, Oliveira & Fernandes, intitulado “Repensando a prática docente no contexto educacional do Século XXI.” os autores afirmam que:

*“Na sociedade vigente, o professor, como já mencionado, deixou de ser o detentor do conhecimento. À vista disso, faz-se necessário “dar vez e voz” aos educandos. A metodologia ativa “debate” oportuniza aos mesmos expor suas opiniões, conhecimentos e habilidades. Cabe ao educador organizar o tempo, sugerir fundamentação teóricas que embasem o debate para que este não ocorra alicerçado no senso comum.”* (de Oliveira, de Oliveira, & Fernandes, 2020, p. 13)

Os mesmos autores também declaram que:

*“A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) ou Problem-Based Learning (PBL) refere-se a uma outra metodologia ativa que fundamenta-se na resolução de problemas que desafiam os educandos a buscarem as respostas para determinadas situações que ocorrem em sua escola, comunidade, município, entre outros contextos. Por intermédio da ABP ou PBL torna-se possível descobrir as áreas de interesse dos alunos, suas habilidades, entre outras potencialidades que precisam ser descobertas, reconhecidas e desenvolvidas.”* (de Oliveira, de Oliveira, & Fernandes, 2020, p. 14)

No mesmo artigo é referido um conjunto de autores que abordam um novo conceito de sala de aula que penso ser interessante referir aqui. Algo que certamente tentei colocar nas minhas práticas. O conceito de sala de aula invertida. Ou seja:

*“Conhecida como Flipped Classroom ou “sala de aula de aula invertida”, ela preconiza que a teoria deva ser vista pelos estudantes em casa, previamente à aula. E em sala de aula, presencialmente, as dúvidas e os exercícios de aprofundamento/aplicação são desenvolvidos em conjunto com os professores. Nesse processo, o professor é mais um orientador, estimulador, norteador, do que simplesmente um “passador de conteúdo”* “(Cortelazzo; Fiala; Junior; Panisson; Rodrigues, 2018 p. 78, In de Oliveira, de Oliveira, & Fernandes, 2020, p. 16)

Este conceito vem também exigir da parte do aluno um enorme sentido de responsabilidade e entrega ao trabalho. Sabemos que em todas as turmas nem todos os alunos partilham destas características, podendo alguns não chegar a cumprir as tarefas. Os mesmos autores conferem o seguinte a este respeito:

*“Deve-se levar em conta que os textos ou tarefas mais teóricas a serem realizadas em casa, antes dos encontros presenciais, devem ser compostas por diferentes materiais que possam estimular os estudantes à sua leitura, pesquisa, apropriação, pois, caso contrário, os resultados, apesar da metodologia invertida, serão os mesmos ou até piores. Também é importante que as atividades em sala exijam a participação dos estudantes de modo a mostrar a importância da realização das tarefas prévias” (Cortelazzo; Fiala; Junior; Panisson; Rodrigues, 2018 p. 78, In de Oliveira, de Oliveira, & Fernandes, 2020, p. 16)*

Isto remonta a um tema que acabou por dominar o ano letivo 2019/2020, a pandemia de covid-19. Sem outro modo de o professor poder fazer o seu trabalho normalmente com os alunos, o mesmo viu-se na necessidade de dispor ao estudante conteúdos digitais para os mesmos estudarem e trabalharem em casa, e uma vez por semana esclarecerem as suas dúvidas através de aulas *online*. Penso que esta situação vem ainda reforçar as características que retrato aqui. A questão do professor reflexivo, onde deve tentar perceber se os seus métodos e recursos estão a obter os resultados esperados. O professor que procura renovar o seu conhecimento e as suas habilidades tecnológicas, de forma a usar com mais facilidade os recursos TIC para conseguir garantir aos alunos o direito à educação. A capacidade de adaptação, vem nesta situação exigir bastante de um professor.

Este não foi apenas o único método disponível para os alunos, o estado colocou ao dispor da população estudantil a telescola, algo que em Portugal não acontecia desde 1987. Acrescento aqui que esta iniciativa não só deve ser aproveitada pelos estudantes, mas também por toda população como forma de reforçarem os seus próprios estudos, e poderem também ajudar os filhos que por vezes podem não compreender algum tópico. Muitos estudantes atualmente, por razões monetárias continuam a não ter acesso à internet, sendo que também alguma parte não possui um computador ou um dispositivo

tecnológico que facilita o contacto virtual com o professor. Apesar de teoricamente as intenções serem de igualdade e oportunidades para todos, a realidade está longe de abranger a totalidade dos alunos. Convém frisar que durante este tempo, muitos alunos viram estas dificuldades ultrapassadas através de iniciativas públicas e privadas dos seus municípios. Irei falar sobre como ultrapassei estas dificuldades no ponto (Temática – Período de Responsabilização – Covid-19) do presente relatório.

Vivemos num mundo onde as redes sociais aproximam os artistas ao seu público. Sendo possível agora podermos entrar em contacto com eles através de uma mensagem instantânea e obter resposta em minutos ou até horas. Com isto decidi tentar entrar em contacto com alguns autores e perguntar-lhes, na opinião deles qual “*A educação musical que veem no futuro.*” e “*Quais as características que um professor de EM deverá possuir no séc. XXI.*”. É com orgulho que deixo aqui as palavras de Lucy Green, e alguns conselhos que a mesma deixa aos futuros docentes:

*“A característica mais importante, a meu ver, é a capacidade de reter o julgamento das motivações e habilidades dos alunos, de esperar, ouvir e observar do que eles são capazes antes de começar a guiá-los em direções que podem não trazer o melhor deles. Os alunos geralmente são altamente musicais, mas nem sempre o mostram se pedimos que o façam de maneiras que não atinjam suas habilidades. A música é um campo tão vasto; existe muita coisa por aí e não se pode esperar que um professor esteja familiarizado com tudo isso. O aluno pode ter uma formação musical totalmente desconhecida para o professor, que pode simplesmente não o reconhecer ou que deseja fazer alterações e correções sem perceber que está a ir contra algo precioso. Então, o que estou a querer dizer em poucas palavras, eu acho, é: ouça os alunos; e por 'ouvir' quero dizer algo rico - ouvir o que eles fazem, ouvir o que dizem, ouvir o que criam. 'Ouça antes de ensinar e depois continue ouvindo', talvez seja o meu lema.”<sup>9</sup> (Lucy Green, 21 de maio de 2020)*

---

<sup>9</sup> Tradução livre de: “*The most important feature, in my view, is the ability to retain judgment of students' motivations and skills, to wait, listen and observe what they are capable of before beginning to guide them in directions that may not bring out the best in them. Students are often highly musical, but they don't always show it if we are asking them to show it in ways that don't match their skills. Music is such a vast field; there is a lot going on and no teacher can be expected to be familiar with all of this. The student may have a musical background totally unknown to the teacher, who may simply not recognize him or want to make changes and corrections without realizing that he is going against something precious. So, what I am saying in a nutshell, I think, is: listen to the students; and by 'listening' I mean something rich - listening to what they do, listening to what they say, listening to what they create. 'Listen before you teach and then continue listening', maybe that's my motto.*”

Em relação à EM que a autora prevê no futuro o seguinte panorama:

*“Eu acho que o campo da música comunitária é hoje uma das áreas mais excitantes da educação musical e eu gostaria de ver muito mais compreensão e cooperação entre a educação musical e praticantes de música da comunidade e pesquisadores. A música na escola é uma coisa totalmente diferente da música em um ambiente comunitário. É importante que isso seja entendido: geralmente os alunos de uma escola frequentam por compulsão e não por escolha, e essa é uma das maiores diferenças. Também os professores estão sob especial supervisão do governo, o que pode limitar as suas atividades em comparação com alguns contextos de música da comunidade. Com estas questões - e há muito mais, é claro - consideradas, acredito que os educadores de música irão beneficiar ao saber mais sobre as práticas dos músicos da comunidade. Eu gostaria de ver muito mais trocas também entre e entre estilos musicais - clássicos, populares, tradicionais - e mais professores bi-musicais entrando em campo.”<sup>10</sup> (Lucy Green, 21 de maio de 2020)*

Gostaria de completar este ponto com uma história que ocorreu durante a minha formação, retornando também à necessidade de o professor contextualizar as suas atividades e conteúdo às necessidades e interesses dos estudantes. Com isto pretendo expressar o tipo de professor que pretendo ser.

No primeiro ano do Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico, tive a oportunidade de trabalhar num projeto musical educativo juntamente com um professor e os meus colegas. Este projeto permitiu o contacto com uma turma do 2.º ciclo e colocar em prática a nossa ideia de projeto. Ou seja, o uso da música do dia-a-dia dos alunos como forma de os motivar para a disciplina. Achei curioso em algumas dessas aulas enquanto construíamos o projeto e à medida que conversava com alguns alunos e lhes perguntava o que gostariam de fazer ou ser quando fossem mais crescidos, quase

---

<sup>10</sup> Tradução livre de: *“I think that the field of community music is now one of the most exciting areas of music education and I would like to see much more understanding and exchange between music education and community music practitioners and researchers. School music is a totally different thing than music in a community setting. It is important that this is understood: usually students at a school attend by compulsion and not by choice, and this is one of the biggest differences. Teachers are also under private government supervision, which may limit their activities compared to some contexts of community music. With these issues - and there are many more, of course - considered, I believe that music educators will benefit from knowing more about the practices of community musicians. I would like to see many more exchanges between musical styles - classical, popular, traditional - and more bi-musical teachers entering the field.”*

todos responderam que queriam ser “*youtubers*”. Decidi então modificar a minha pergunta para “o que gostas de fazer?”. As respostas não foram muito diferentes das anteriores e percebi que alguns jovens daquela turma, tinham pouco conhecimento sobre esta temática e portanto referiam que gostavam de jogar jogos digitais. Foi a partir deste momento que decidi efetuar algo diferente: perguntei quem gostava de criar um jogo, ao que todos responderam afirmativamente, ainda que não soubessem como fazer. Propus então que em conjunto refletíssemos em como um jogo é criado. Utilizando as ferramentas e materiais digitais, tais como: uma história original ou adaptada de obras já publicadas, artistas gráficos, compositores para a banda sonora, animadores, programadores e entre outros tantos. Assim os alunos começaram a pensar e a debater sobre estas profissões e perguntavam onde poderiam aprender sobre as mesmas. Aproveitei o momento para valorizar e explicar a importância da disciplina de EM dizendo que a podiam usar para enriquecer o conhecimento musical de maneira a criar uma melhor fundamentação e perceber o porquê de a música, em certos jogos compreender determinadas características, ou mesmo perceber o que o compositor procura “comunicar”. Para aqueles alunos que ambicionam ser “*youtubers*” procurei conceber uma ponte para a área do audiovisual, onde a criatividade e um sentido estético são importantes e com as aulas de EV e TIC podem ser auxiliados. Depois desta conversa um aluno fez a seguinte questão, “mas professor, em Portugal não existe nenhuma escola onde eu possa aprender a criar jogos.”. Senti-me feliz por poder dar uma resposta ao aluno e explicar que na instituição onde estou a fazer a minha formação, existe um curso de criação de jogos digitais e que um dia ele pode ingressar. Foi de facto muito bom ver o sorriso que ele fez e observar o impacto que toda esta atividade gerou na escola. Este é um bom exemplo creio, para a importância que o professor tem enquanto pilar ao estimular a autoconfiança e o conhecimento no contexto escolar. Creio que a escola deve ser um espaço onde se promova diferentes oportunidades para os jovens e não estar tão centrada nas estatísticas de sucesso esquecendo que cada criança é um potencial de grandes feitos. Enquadrando sempre os conteúdos às necessidades e problemáticas que os alunos irão encontrar quando acabarem o seu percurso académico.

Apoiar o discente sem desvalorizar as suas opções, acredito ser um bom caminho. O professor deve saber gerar a ponte para o que são os interesses do aluno, daquilo que é a escola, como isso lhe poderá importante na vida e guiá-lo numa aventura onde não há limites para aquilo que são os seus sonhos. Independentemente de o aluno

opte por seguir outras áreas daquelas que esteja a planear, irá certamente olhar para a escola enquanto espaço de enriquecimento a diferentes níveis. Talvez este “olhar” seja meramente filosófico ou utópico, mas penso que nos dias de hoje com a possibilidade de surgirem diferentes profissões no futuro, cabe ao professor não só mostrar ao aluno o que eles podem fazer, mas orientar para aquilo que eles podem ser. Também os meus professores tiveram um papel crucial nas minhas opções ao motivar-me para ser arquiteto, independentemente de ter seguido outra área. Reconheço que sem a confiança nas minhas capacidades, aquela inspiração e orientação transmitida por eles, mesmo após ter concluído o ensino secundário, tornou-se fundamental para poder concluir aquele que foi o desafio académico mais difícil. Devido à influência que estes professores tiveram e têm na minha vida e no meu ser, posso afirmar que quero ser um professor seguindo estes modelos. Que inspira, que orienta, que respeita o aluno como um ser humano à procura das orientações para uma vida melhor e com significado, num mar cada vez mais frequentado por ganâncias e por competitividades capitalistas que prejudicam o nosso próprio “eu”. Deste modo transcrevo um poema de uma música dos *Pink Floyd*, que apela para que não sejamos mais um tijolo na parede da escola.

*“Quando crescemos e fomos para a escola  
Havia certos professores que iriam  
Ferir as crianças da maneira que puderem  
Derramando o seu escárnio  
Sobre qualquer coisa que fizemos  
E expondo todas as fraquezas  
No entanto cuidadosamente escondido pelas crianças  
(...)  
Nós não precisamos de educação  
Nós não precisamos de controlo do pensamento  
Nada de sarcasmo na sala de aula  
Professores deixem as crianças sozinhas  
Ei! Professores! Deixem as crianças em paz!  
Em suma, é apenas mais um tijolo na parede  
Em suma, você é apenas mais um tijolo na parede.”*

Como formadores e educadores temos de nos lembrar que se queremos uma escola do século XXI, teremos de trabalhar para tal. Creio que devemos pensar que não é o barco que faz o homem, mas o homem que faz o barco. E no que concerne à EM, devemos acima de tudo não impor a nossa visão musical aos alunos, julgo que devemos orientar sem coagir, e “educar para”, valorizar o que o aluno tem de forte e potencializar, e trabalhar o que tem de menos forte.

2.ºAndamento

## **Caracterização do Contexto Educativo**

Para este ponto que visa a caracterização do contexto educativo e está dividido em três partes. A primeira apresenta uma breve descrição do processo de seleção do orientador cooperante, escola e turmas onde realizo a minha Prática de Ensino Supervisionada. Faço também uma descrição do meu primeiro contato com a escola e a comunidade escolar, docente, não-docente e alunos. A segunda parte tem como intuito identificar e descrever a escola e o local onde a mesma se encontra. O terceiro e último ponto deste tópico tem por objetivo descrever as turmas, onde procuro identificar cada uma por número de alunos, por género e assinalar a margem de idades em cada turma. Identifico também se nas duas turmas existem alunos que necessitam de medidas de educação inclusiva.

### **Integração na escola**

A primeira fase deste processo de prática de ensino supervisionada, foi a distribuição aos estudantes que iam efetuar o estágio no ano letivo de 2019/2020, os respetivos orientadores, supervisores cooperantes, as respetivas escolas e turmas onde os mesmos passariam a realizar a sua PES e conseqüentemente os respetivos pares pedagógicos. Ficou acordado pelos alunos que esta distribuição seria feita através de sorteio.

No dia 7 de outubro de 2019, apresentei-me na respetiva escola juntamente com o meu par pedagógico, a orientadora e alguns colegas que iriam fazer a sua PES naquela mesma instituição e com o mesmo orientador cooperante, a fim de o conhecer pessoalmente e iniciar as aulas de observação. O próprio recebeu-nos com a maior simpatia e mostrou-se recetivo a qualquer esclarecimento sobre as turmas que iríamos lecionar, a escola e os respetivos programas. Fomos igualmente bem recebidos por toda a comunidade escolar docente e não-docente, o que facilitou logo desde o início a nossa integração com os mesmos. Esta fase teve um período de três semanas sendo que na quarta semana assumi a turma.

Devo referir que este não foi o primeiro contacto com a escola e o orientador cooperante. Em 2018 fui convidado por um colega de curso, o qual estava a realizar a sua PES na mesma escola e que por coincidência partilhava do mesmo orientador cooperante, a fazer uma pequena apresentação sobre o meu instrumento musical. E em 2019, como

referido no ponto anterior, no meu primeiro ano de mestrado, fui juntamente com os meus colegas e professor da disciplina de “Projeto Musical Educativo” realizar um trabalho/projeto com uma turma de 6.º Ano.

## Escola

Após a fase de distribuição de locais de estágio pelos alunos do Mestrado em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico, segue-se uma sumária apresentação da mesma.

Esta escola está localizada no Nordeste Transmontano de Portugal continental, no distrito de Bragança. Situada numa zona privilegiada, refiro aqui alguns serviços que considero importante identificar. Podemos encontrar à distância de uma caminhada de cinco minutos o Teatro Municipal, que apresenta uma agenda com eventos interessantes para os alunos desta e restantes escolas do município. Igualmente a uma curta distância podemos encontrar a Unidade Hospitalar, que oferece vários cuidados de saúde diferenciados aos seus utentes, querendo apenas referir aqui os serviços de pediatria e neonatologia e um serviço de urgência médica. Localizada na parte traseira da escola podemos também encontrar um posto da Guarda Nacional Republicana. Outros edifícios e entidades que convém referir são, o edifício da Câmara Municipal, que apresenta uma arquitetura moderna e atrativa, o centro da cidade com alguns edifícios importantes e históricos, tais como a Igreja da Sé, o Conservatório de Música e Dança de Bragança, Centro de Ciência Viva de Bragança e o Museu Abade de Baçal. Perto deste centro convém referir o Museu de Arte Contemporânea Graça Morais, uma referência de arte Contemporânea na região de Trás-os-Montes.

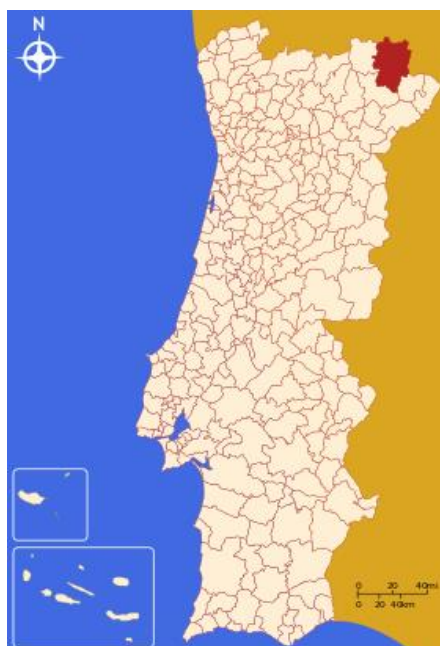


Figura 4

O espaço escolar comporta três pavilhões ligados entre si através de corredores, sendo que aqui estão localizadas algumas salas de aula, a sala dos professores e um espaço para os funcionários. O espaço em si é acolhedor, contudo não possui muita luminosidade, sendo que as janelas são de facto um pouco pequenas e estão por vezes tapadas com cortinas. As luzes no seu interior são suficientes em número contudo os tons escuros das suas paredes não ajudam na iluminação dos espaços. A sala dos professores é o espaço mais iluminado e amplo e revela-se acolhedor, com mesas onde os professores podem conversar, preparar as suas atividades e aulas. Encontra-se neste espaço também alguns sofás para os docentes poderem relaxar entre aulas, um bar, com uma vasta oferta de *snacks* e uma máquina de *vending*. A entrada para a sala de professor consiste em um pequeno corredor onde podemos encontrar alguns computadores e alguns cacifos. Convém referir que neste espaço encontram-se caixotes do lixo que fazem possível a separação do mesmo, promovendo assim a reciclagem.

Nestes três pavilhões podemos encontrar um auditório. É um espaço relativamente pequeno, onde é possível fazer várias apresentações sejam elas musicais, teatrais e académicas. Neste espaço/mesa, está incluído um computador, para facilitar a apresentação de conteúdos audiovisuais, apresentações *PowerPoint*, microfones, para facilitar as apresentações. Este espaço encontra-se relativamente arrumado e acolhedor, ao contrário dos restantes edifícios, aqui podemos encontrar uma parede inteiramente de janelas, o que pode dificultar a projeção dos elementos de multimédia.

O espaço escolar possui mais dois pavilhões, estando estes mais afastados e não estão ligados por corredores internos. No pavilhão que encontra mais afastado da entrada da escola é onde estão localizadas as salas de artes visuais e uma sala com computadores onde os alunos podem usufruir para realizarem os seus trabalhos.

No último pavilhão é o espaço onde a PES foi realizada. Este espaço é relativamente acolhedor e amplo, com uma iluminação suficiente, contudo as cores que envolvem o espaço são demasiado escuras para o contexto (tons de cinza) tirando pelo seu mobiliário que sendo bastante colorido, este se perde.

Este edifício está dividido em algumas partes, aqui podemos encontrar a direção da escola e o espaço onde todos os assuntos administrativos são tratados. É um local arrumado, porém devido à sua importância, não se destaca em todo o recinto escolar.

Podemos encontrar igualmente o polivalente, uma área ampla onde os alunos podem passar os seus intervalos. Possui algumas mesas e um bar com as mesmas características do bar que encontramos na sala dos professores. Neste espaço encontramos também o clube de rádio da escola.

Nesta zona encontra-se a cantina escolar. Oferecendo uma dieta mediterrânea aos seus alunos e funcionários docentes e não-docentes. Os menus diários passam por um prato de sopa, um prato principal (que é diariamente intercalado por peixe e carne), vegetais variados, uma sobremesa (maioritariamente fruta, havendo raramente um doce) e acompanhado também por um pão biju branco embalado e água como bebida. Convém referir que as ementas semanais da cantina, incluem uma parte assinalada para os alérgicos e calorias, porém estes não se encontram devidamente preenchidos. Gostaria aqui de fazer uma observação, apesar de a dieta ser maioritariamente entre carne e peixe, a cantina não apresenta uma solução vegetariana para os seus alunos. Sendo que a escola é um espaço que visa a promoção da inclusão, penso que seria importante promoverem as dietas alternativas. Caso haja algum aluno, docente ou não-docente que seja possuidor de uma dieta alternativa á base de alimentos de origem não animal, este está impossibilitado ou não tem uma alimentação equilibrada garantida na escola.

Por fim, continuando com a caracterização deste espaço, é aqui que podemos encontrar as salas de Educação Musical devidamente identificadas como (EM1 e EM2). Esta sala, apesar de ser de uma disciplina de expressão artística, uma área que requer uma abordagem mais prática, encontra-se organizada como uma outra sala de uma disciplina normal. Separadas por um corredor que serve de armazém para os instrumentos musicais de sala de aula (Instrumental *Orff*), podemos encontrar aqui alguns instrumentos acústicos

tais como, uma bateria, que não se encontra com o melhor estado sendo possível ainda de ser tocada, algumas guitarras acústicas com cordas de aço e de *nylon* e cavaquinhos (apesar de alguns se encontrarem sem cordas). Este espaço encontra-se arrumado com prateleiras onde os instrumentos estão organizados por registos. Todavia podemos ainda encontrar alguns instrumentos que não estão devidamente organizados, correndo o risco de serem danificados ao ponto de não ser possível de usar.

Das duas salas a EM2 é a mais pequena, contudo o excesso de mesas e cadeiras da EM1 vem dificultar qualquer atividade pratica usando instrumentos ou simplesmente o corpo como instrumento de percussão. A sala possui dois quadros pretos, um pautado e outro liso, um quadro interativo onde podemos encontrar também um projetor com uma qualidade de imagem razoável, um sistema de som com alguma qualidade e um computador onde o professor pode escrever os sumários e marcar as presenças. Estes últimos vêm facilitar a utilização das TIC relativamente a apresentações de trabalho e audições.

A escola possui também um pavilhão Gimnodesportivo onde é lecionada a disciplina de Educação física. Com dois espaços para esta prática sendo que um é o campo para a prática de futebol, andebol, basquete entre outros e o outro espaço está destinado aos desportos mais alternativos tais como, ginástica artística, artes marciais etc...

No espaço de lazer a escola possui um grande campo de futebol localizado na parte mais traseira, e perto da entrada podemos encontrar dois espaços para a prática de basquete.

Esta escola possui também alguns espaços verdes, contudo em pouca quantidade relativamente ao restante espaço escolar.

## Turmas

Ao finalizar o processo de distribuição de orientadores cooperantes e escolas, ficou então por último a distribuição das turmas às quais iríamos ter a nossa PES. Ficou então decidido que cada grupo teria a possibilidade de poder escolher conforme os horários disponíveis.

As turmas que optei por escolher foram a turma do quinto ano (5ºB), que tem a disciplina de Educação Musical às segundas-feiras de manhã (10:20) e a turma do sexto

ano (6ºE), que tem a disciplina de Educação Musical no mesmo dia mas na parte da tarde (15:50).

Estes horários apresentam algumas vantagens para o par pedagógico facilitando o tempo de reflexão e preparação entre aulas sendo que este tempo é de uma semana e a particularidade de estes estarem mentalmente “frescos” ao virem de fim-de-semana.

A turma de quinto ano é constituída por vinte e dois elementos sendo que, dezasseis são do género feminino e seis do género masculino, e as idades rondam os dez e os doze anos de idade. Foi-nos alertado pelo nosso orientador cooperante que esta turma possuía dois elementos que necessitam de medidas de educação inclusiva. (os quais não identificarei neste relatório para proteção dos/as mesmos/as), contudo nada impossibilitava à prática musical.

Durante o nosso primeiro contacto com a turma identificamos através de um debate de apresentação, que a maioria já tocava ou tocaram algum instrumento musical, e já tinham alguns conhecimentos musicais adquiridos nas AEC's, Escolas de *Rock* e em casa com a família. Concluindo, nesta turma existem dois alunos que tocam bateria e três alunos que tocam piano. Em relação aos restantes percebemos que uma aluna já tocou flauta transversal na Orquestra Filarmónica de Bragança.

No que toca ao comportamento percebemos que a turma é relativamente calma, encontramos também dois alunos um pouco desestabilizadores, e por esta razão foram separados e sentados em sítios diferente da sala. Os alunos mostraram interesse em conhecer um pouco da história da música e experimentar instrumentos alternativos á flauta. Mostraram também interesse em fazer as suas próprias músicas. O estilo musical que prevalece entre os gostos e conhecimentos dos alunos da turma é o *pop*.

Estas conclusões foram extraídas dos textos que solicitamos os mesmos fizessem, onde procuramos que eles respondessem a algumas perguntas. Contudo as questões foram apenas guias para a construção do texto e não como resposta direta. Percebemos também que alguns alunos não gostavam de música, contudo gostavam de ouvir música. Estes textos que os alunos elaboraram vieram ajudar-nos a perceber que abordagens e recursos podemos usar para captar melhor a atenção e interesse dos mesmos.

A turma de sexto ano é composta por vinte e um elementos sendo que, quinze são do género feminino, e seis do género masculino. A média de idades está entre os onze e os doze anos. Foi informado através da diretora de turma que havia um(a) aluno(a) que necessitava de medidas de educação inclusiva. Continuamente esse(a) aluno(a) por volta

do mês de dezembro não frequentou mais a disciplina e não foi dito aos estagiários um motivo. Na fase de observação percebemos que esta, era uma turma bastante faladora entre eles o que por vezes consistia numa perturbação ao correr da aula. Foi claro que a turma não conseguia ficar atenta e concentrada por muito tempo, requeria assim uma aula com uma abordagem bastante mais prática. A turma não tinha nenhuma experiência musical na medida em que nenhum aluno tocava um instrumento ou saberia ler uma partitura, ou sequer se lembravam do conteúdo abordado no ano letivo passado (2018/2019). Os alunos mostraram interesse depois de lhes perguntado em experimentar instrumentos mais alternativos tais como, a guitarra elétrica ou o baixo elétrico e gostariam também de trabalhar músicas mais *Pop*.

Um facto curioso e visto como um desafio, foi que um aluno já tinha estudado guitarra, contudo tinha desistido por falta de motivação. A turma no geral não mostrava algum interesse na aula e mesmo na execução de tarefas, o que acabou por ser um pouco diferente nas primeiras aulas do período de responsabilização.

3.ºAndamento

## Temática

No decurso da PES foi-me solicitado que equacionasse um tema coadunado com as turmas com as quais ia trabalhar. Após algum tempo de reflexão e depois de observar como as turmas funcionavam como um conjunto, percebi que a forma mais eficaz para conseguir promover um bom ambiente de ensino, seria através de classes de conjunto, oficinas e laboratórios de música onde a prática musical e o contacto com os instrumentos eram uma constante.

Para este ponto decidi organizar alguns subtópicos onde me debruço sobre o significado de “Educação Musical” e tento compreender o que pensam os professores sobre o tema. Expresso a minha opinião sobre a área focando-me na minha experiência da PES e sobre a minha formação. Teço ainda de forma breve algumas considerações sobre: a história da disciplina de Educação Musical em Portugal, focando a fase inicial. Pretendo com isto enriquecer o presente relatório e creio ser uma mais-valia ao refletir sobre a área. Oferecendo ao leitor uma contextualização sobre a evolução e desenvolvimento da mesma no país.

Finalizo focando o ponto essencial que acabou por ser todo a minha metodologia de trabalho ao longo do ano letivo e portanto a temática da minha PES. Construo esta argumentação tendo por base a opinião dos alunos, recorrendo aos dados que obtive através de um inquérito realizado no início do segundo período, e através de observação direta.

## Educação Musical

No presente ponto vou centrar-me na opinião que alguns autores sobre o conceito de EM, de forma a acrescentar ao meu trabalho o que entendo importante para a sua corroboração. Começo com as palavras de Arroyo que nos indica que este termo abrange muito mais que a formação musical inicial. Assim para a autora:

*“Educação Musical” abrange muito mais do que a iniciação musical formal, isto é, é educação musical aquela introdução ao estudo formal da música e todo o processo académico que o segue, incluindo a graduação e pós-graduação; é educação musical o ensino e aprendizagem instrumental e outros focos; é educação*

*musical o ensino e aprendizagem informal de música. Desse modo, o termo abrange todas as situações que envolvam ensino e/ou aprendizagem de música, seja no âmbito dos sistemas escolares e acadêmicos, seja fora deles.” (Arroyo, 2002, p. 18, 19)*

A mensagem que é retratada da citação anterior vai ao encontro com a minha visão pessoal sobre a área. Contudo, penso que é importante acrescentar que se pode explicar às crianças que através da música podem aprender diferentes formas de se expressarem. E, acima de tudo trata-se de uma construção que não separa a Educação formal da informal, mas que a coloca no centro de toda a ação educativa.

Creio ainda que não deve existir como objetivo principal no ensino da EM, formar exclusivamente um músico. A EM pode ajudar o aluno no seu desenvolvimento ao longo da vida como cidadão, e permitindo também trabalhar outros valores como a amizade e pode potencializar a sua auto-estima. Neste encadeamento partilho o testemunho de uma professora de música que forneceu o seu relato na tese de doutoramento de Del Ben, onde retrata as práticas e experiências de vários professores de EM:

*“É nesse sentido que a professora Flora afirma que “a música, na escola, não deve ter a preocupação de formar músicos”. A educação musical “não é mais essa coisa isolada”, onde “é preciso estar sempre tocando, estar sempre cantando”. Seu “universo” de atuação” é mais amplo, o que permite ao aluno “desenvolver outras habilidades, que não só a habilidade musical, (...)” É com base nessa concepção que, em seu trabalho, a professora Flora, além de objetivos musicais específicos, também estabelece objetivos “relacionados à parte [cognitiva] afetiva e psicomotora” dos alunos (...) “desenvolver a memória, criatividade, potencialidade, auto-aceitação, gratificação, comunicação individual e grupal, socialização (...), adquirir autonomia não só em relação á linguagem musical.” (Ben, 2001. P. 240)*

Gonçalves apresenta-nos um conceito de EM, tendo por ponto de partida o que significa a música:

*“O conceito de Educação Musical, tendo por referência o que significa a música, tem sido alvo de interpretações diferentes com a evolução dos tempos. Nos dias de hoje, a Educação Musical*

*é vista como algo que se oferece à criança, sendo atractiva pelo interesse das suas inúmeras actividades.*” (Gonçalves, 2011, p. 32)

Para a mesma autora estas actividades podem oferecer à criança o desenvolvimento de competências essenciais para a vida. Gonçalves frisa este tópico citando a equipa do Fórum Europeu para a Educação Musical e Formação num relatório de 2005, do qual se salienta:

*“ (...) enfatiza a necessidade de assegurar o acesso dos jovens a actividades de aprendizagem musical, uma vez que “têm um impacto positivo no desenvolvimento de competências chave para a vida em sociedade, tais como a resolução criativa de problemas, a comunicação, a tolerância, a autoconfiança, a flexibilidade, a concentração, a coordenação motora, tendo também influência comprovada no seu desenvolvimento intelectual, emocional, físico e psicológico” (in Milhano, 2008, p.12).”* (Gonçalves, 2011. p. 31)

Corroborando da sua opinião, acrescento que estas competências podem não só ser desenvolvidas em crianças e jovens, mas também em adultos e idosos. Araujo traz-nos num artigo seu publicado *online*, um conceito partindo do ponto de visto de musicalização, e que este é um processo que deve alcançar e incluir todos. A autora refere que:

*“Musicalizar significa desenvolver o senso musical das crianças, sua sensibilidade, expressão, ritmo, “ouvido musical”, isso é, inseri-la no mundo musical, sonoro. O processo de musicalização tem como objetivo fazer com que a criança torne-se um ouvinte sensível de música, com um amplo universo sonoro. A musicalização é um poderoso instrumento que aumenta, na criança, além da sensibilidade a audição, qualidades como: concentração, coordenação motora, sociabilização, respeito a si próprio e aos outros, esperteza, raciocínio, disciplina, equilíbrio emocional e inúmeros outros atributos que colaboram na formação do ser humano. O processo de musicalização deve alcançar a todos, buscando desenvolver esquemas de absorção da linguagem musical.”* (Araujo)<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Artigo de Blog - [https://monografias.brasile scola.uol.com.br/pedagogia/a-contribuicao-da-musica-para-desenvolvimento-e-aprendizagem-da-crianca.htm#indice\\_3](https://monografias.brasile scola.uol.com.br/pedagogia/a-contribuicao-da-musica-para-desenvolvimento-e-aprendizagem-da-crianca.htm#indice_3)

Parece-me que o mundo musical sonoro vai além do universo musical erudito ocidental, e que este está bastante enraizado na formação de um professor de EM. Os alunos do ensino genérico têm uma relação com a música completamente diferente, e com reportórios bastante variados. Na minha opinião entendo que se pode imprimir o uso de um reportório mais *Pop* como ponte para o restante reportório mais erudito. Julgo mesmo que desta forma pode ser mais interessante a exposição de conteúdos como por exemplo a forma. Swanwick apresenta-nos um conceito de EM que parte do conhecimento e da forma de ser do docente e sobre o que este entende da música, procurando desta forma uma construção mais estética da educação musical.

*“Falhamos em perceber e divulgar o núcleo central da educação musical, que é que a educação musical é educação estética. (...) consideraria a exploração desse terreno um desafio fundamental e recorrente para qualquer professor de música que seja mais do que um mero operador de sala de aula (...) Nossas ideias sobre música são realmente importantes. Se, por exemplo, consideramos a tonalidade uma parte essencial da música, excluimos qualquer possibilidade de sons atonais serem música, sem mencionar a música de outras culturas em que a tonalidade ocidental parece não ter muito papel. Isso afetará o que fazemos como professores, que música selecionamos, que música ignoramos e como a abordamos com nossos alunos.” (Swanwick, 1979, p. 6 - 7)<sup>12</sup>*

Numa conferência internacional em 1953 na cidade de Bruxelas, onde vários autores debateram este e outros conceitos, resultou um livro com os respectivos textos apresentados, e outros que foram elaborados especificamente para o livro publicado pelas Nações Unidas em maio de 1955. Apesar da distância temporal, creio que alguns dos argumentos patentes no livro continuam atuais. Começo por referir o autor Kraus que nos enuncia que a:

*“A educação musical escolar deve despertar e promover o prazer instintivo que as crianças sentem em se expressar através da música. O objetivo do canto e da música não é apenas desenvolver os conhecimentos e habilidades musicais da criança, mas também apelar para seus poderes físicos e espirituais, melhorar o seu gosto*

---

<sup>12</sup> Tradução de autor do original.

*musical e desenvolver uma profunda afinidade pela música e pela performance musical.*” (Kraus, 1955, p. 112-113)<sup>13</sup>

Estas competências que o autor refere são possíveis de ser trabalhadas logo que o aluno frequente um estabelecimento de ensino. E quando este chega ao quinto e sexto anos de escolaridade, provavelmente já conseguem trazer algum conhecimento e experiência na música. Contudo por vezes os conteúdos não são explorados da melhor forma, algo que também é referido pelo autor:

*“O problema mais difícil que o professor de música precisa enfrentar é como compensar os estágios do desenvolvimento infantil que foram negligenciados ou mal tratados. Uma maneira certa de desenvolver as capacidades elementares de todos os alunos é familiarizá-los com algumas notas. Consequentemente, o uso da escala pentatónica (...) é a abordagem correta para iniciantes em todas as etapas.”* (Kraus, 1955, p. 113)<sup>14</sup>

Ikenouchi chama a atenção para o facto de muitos conteúdos ministrados na EM podem ser transmitidos em grupo ou individualmente, em casa ou no trabalho e obviamente também nas escolas. *“É claro que existem vários aspectos da educação musical, pois a música pode ser ensinada individualmente ou em grupos, na família, no local de trabalho ou nas escolas.”* (Ikenouchi, 1955, p. 118). Para o autor a EM é algo que vem completar a educação geral e que visa também a formação de carácter do aluno:

*“No Japão, como também em outros países, talvez, a educação musical costumava ser considerada não como uma forma de educação com seu próprio valor intrínseco, mas como uma espécie de meio, se eu puder usar esse termo, de concluir uma educação geral voltada para a formação de carácter”* (Ikenouchi, 1955, p. 118)

Na tese de doutoramento de Pedro Filipe Cunha, o mesmo faz uma referência a Riedel, que nos indica um conceito baseado na satisfação emocional e intelectual dos alunos no seu percurso escolar. A salientar.

---

<sup>13</sup> Tradução de autor do original.

<sup>14</sup> Tradução de autor do original.

*“O maior objetivo da educação musical deve ser a satisfação das necessidades intelectuais e emocionais do(a) aluno(a) em todo o seu percurso escolar (...). Esta posição é um apelo para um ênfase na música generalista para todos os alunos, em oposição ao ensino dos mais talentosos. Partindo do princípio que a sociabilidade é um dos grandes objetivos da educação musical, ela própria deve ser examinada de um ponto de vista musico-sociológico (1964:152).” (Cunha, 2013, p. 98)*

Penso ser interessante finalizar este ponto com as palavras de um docente que fez parte da minha formação:

*“A Educação Musical tem sido, há mais de 25 anos, a minha vida profissional e acadêmica.*

*Num primeiro momento, devo salientar que (ainda que clichê) apenas deveria entregar-se à missão de educar pela arte, quem acredita verdadeiramente no enorme poder transformador da Educação e, de forma paralela, da Arte. Ambas têm esse poder, pelo que, juntas, duplicam-no!..*

*Assim, particularizando à Educação Estético-Artística e à Educação Musical, entendo ser(em) área(s) privilegiada(s) por trabalhar(em), de forma integrada e integral, as múltiplas vertentes do desenvolvimento holístico da Pessoa Humana: física, sensorial, cognitiva, emocional, social e cultural. A Educação Musical, quando desenvolvida com seriedade, rigor, entrega e paixão, propicia momentos de verdadeiro crescimento humano, não apenas nos alunos, mas também nos professores. Partindo do primeiro (e principal) instrumento de expressão artística – o corpo humano -, a Educação Musical envolve inigualáveis atividades de fruição, de comunicação, de experimentação, de criação e de desenvolvimento de relações interpessoais. Para que tal aconteça, os Educadores Musicais devem ter sempre presentes importantes aspectos de planificação e reflexão das suas práticas pedagógicas, no sentido de desenvolverem uma Educação Musical inclusiva, que respeite os gostos e interesses dos alunos, sabendo ouvir os seus anseios e desejos.*

*Podemos não formar músicos, mas, através da Música, formamos seguramente melhores Pessoas Humanas.” (João Cristiano Rodrigues Cunha, 18 de maio de 2020)*

Concluindo, e fundamentado naquilo que foram as minhas experiências num tempo em que procurava iniciar os meus projetos musicais, penso que nos dias de hoje a sala EM e a disciplina deverão ser o local onde os alunos possam não só explorar a sua música, mas também expandir o seu repertório. Desenvolver as competências que assim como eu, venham um dia precisar caso pretendam iniciar os seus projetos. Um local onde se podem expressar musicalmente, onde possam ter acesso aos mais variados conteúdos

musicais tecnológicos hoje disponíveis, tanto como produção e/ou composição. Deverá ser um lugar sem limites estéticos, de debate, de prática e de encontro de culturas musicais. Um local onde a única regra é fazer música, respeitando o que está no passado, ouvir e ser ouvido.

A disciplina deverá preparar os discentes para a música “educando para”.

## Educação Musical em Portugal

A presente narrativa irá ser baseada na Tese de Doutoramento de Cunha (2013) e no artigo de Ribeiro e Vieira (2010). Tentarei apenas me focar em alguns factos que penso ser relevantes para a disciplina e a área.

Durante segunda metade do século XIX, Portugal é influenciado pelo impacto do movimento coral na Europa, pelo qual *Bocquillon-Wilhem* (1781-1842) foi um dos principais responsáveis devido ao seu forte impacto pedagógico que o seu método teve em França. Os intelectuais portugueses da altura ao aperceberem-se das virtudes do canto em coro procuraram integrar esta atividade no sistema educativo português. (*Vasconcelos & Artiaga, 2010, In Cunha, 2013, p. 68*). Consequentemente, em 1870 o canto coral foi instituído em Portugal pelo projeto do então ministro António da Costa, e passa a fazer parte da “educação intelectual”. Para além dos primeiros anos de escolaridade, ou o 1º grau, a disciplina foi de imediato introduzida nas escolas normais. (*Carvalho, 2011, In Cunha, 2013, p. 68*).

Em 1906 é dado o primeiro passo para a institucionalização do ensino da música, ao ser criado o primeiro liceu feminino português, o liceu Maria Pia em Lisboa (*Carvalho, 2011, In Cunha, 2013, p. 68*).

O Canto coral assim como a Educação Cívica e a Ginástica, passa a fazer parte da instrução militar preparatória em 1911. Era constituído em dois graus, sendo que o primeiro decorria dos sete aos doze anos e o segundo dos dezassete até à idade de recrutamento militar (*Carvalho, 2011, In Cunha, 2013, p. 68*). Para responder a necessidade de beneficiar a formação moral e cívica e também do reforço dos sentimentos nacionalistas, e para contribuir para a educação da voz e do sentido estético em 1918 já no período republicano com o Dec. N.º4650 de 14 de julho, o Canto Coral passaria a fazer

parte do currículo de todos os estudantes (*Vasconcelos & Artiaga, 2010:403, In Cunha, 2013, p. 68*)

Entre os anos de 1936 e 1940 com o ministério de Carneiro Pacheco, o Canto Coral ganha uma dimensão exclusivamente doutrinária ao passar para segundo plano a orientação pedagógica. Neste período são ainda instituídas duas sessões culturais por mês para professores e alunos do 2.º e 3.º ciclos, num sentido de exaltação do sentimento patriótico e visava ao culto das glórias de Portugal (*Carvalho, 2011, In Cunha, 2013, p. 69*). O Canto coral passa a fazer parte dos primeiros dois anos do Ciclo Preparatório Elementar de Ensino Técnico Profissional, fazendo também parte das cerimónias de carácter oficial. (*Vasconcelos & Artiaga, In Cunha, 2013, p. 69*).

Focando aqui agora a vertente didática, no final dos anos 50 com Olga Violante na Direção dos Serviços Musicais de Canto Coral da Mocidade Portuguesa Feminina, colabora com a Fundação Caloute Gulbenkian na realização de cursos de didática musical com os professores de canto coral como publico alvo e Edgar Willems como formador. Violante e Willems redigem novos programas para o ensino primário. (*Cunha, 2013, p. 70*).

A Educação Musical em Portugal adquire um carácter de obrigatoriedade no quinto e sexto ano de escolaridade em 1968, com um programa também determinado, contudo apesar da sua implantação nos primeiros seis anos de escolaridade obrigatória, apenas no quinto e sexto a disciplina era lecionada por um professor especializado.

*“A primeira grande reforma do ensino da música nas escolas oficiais do ensino genérico acontece em 1968 quando a disciplina passou a ser ministrada sob o carácter da obrigatoriedade no quinto e sexto anos, com um programa determinado, passando a designar-se Educação Musical. Apesar da sua integração em todos os seus anos de escolaridade obrigatória, funcionou apenas no quinto e sexto anos com um professor especializado (TORRES, 1998, P. 19-20).” (Ribeiro & Vieira, 2010, p, 24)*

O Decreto-Lei nº344, de 2 de novembro, vem conferir à disciplina uma maior importância, definindo como educação artística genérica:

*“(…)«a que se destina a todos os cidadãos, independentemente das suas aptidões ou talentos específicos nalguma área, sendo considerada parte integrante indispensável da formação geral» (artigo 7º) e educação artística vocacional «a que*

*consiste numa formação especializada, destinada a indivíduos com comprovadas aptidões ou talentos em alguma área artística específica» (artigo 11º).” (Ribeiro & Vieira, 2010, p. 25)*

Nesta altura o programa da disciplina no ensino primário estava organizado em três domínios: Audição, o ritmo e canções. E no ensino preparatório estava dividido em: Educação rítmica e auditiva, escrita e leitura e canto coral. (Cunha, 2013, p. 71).

Uma reforma do sistema educativo projetada pelo ministro da educação Veiga Simão, cargo que encabeçou entre 1970 e 1974, apresentando indícios de modernização da sociedade como por exemplo, o acesso igual para todos e a “diversidade de oportunidade de qualificação escolar (Ambrósio, citado in Vasconcelos & Artiaga, 2010: 282, In Cunha, 2013, p. 71). Uma das iniciativas desta reforma foi a criação da Escola-piloto para a Formação de Professores de Educação pela Arte em 1971. Esta escola tinha como objetivo formar professores do Ensino Artístico e de Educação pela Arte, música, dança e teatro. Destes professores era esperado que coadjuvassem no ensino primário os professores generalistas, e nos outros níveis de ensino ministrassem a disciplina de EM. (Vasconcelos & Artiaga, 2010, In Cunha, 2013, p. 71).

A convite de Maria de Lourdes Martins, Jos Wuytak, um grande impulsionador dos princípios *Orff* veio lecionar o seu primeiro curso em Portugal em 1973. No final da década de 70 Pierre van Hauwe e Maurice Ravel ministram o seu primeiro curso para professores em Vila Nova de Gaia. O Porto assiste a cursos de iniciação musical destinados a professores no âmbito dos princípios *Orff*. Estes cursos foram orientados por Maria do Céu Diogo Costa e Maria Teresa de Macedo e eram financiados pela Fundação Calouste Gulbenkian. Estas formações estavam destinadas a professores de música, educadoras de infância e professores generalistas. Contudo o seu maior destinatário seriam os professores dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico. (Cunha, 2013, p. 72)

Para Vasconcelos e Artiaga (2010) durante o período do Estado Novo (1926 – 1974), a música na escola generalista, designada por Canto Coral e posteriormente de Educação Musical possuiu três fases cronológicas: Reconhecimento pedagógico, instrumento de propaganda política e renascimento de um significado formativo. (Vasconcelos & Artiaga, 2010, In Cunha, 2013, p. 71).

O Primeiro curso superior do Ensino Básico na variante de Educação Musical surge na Escola Superior de Educação do Porto em 1986. Este curso habilitava o docente como professor titular do 1.º CEB e também como professor de música. Nessa mesma década os professores das ESE possuem acesso aos primeiros mestrados em Educação Musical na Universidade de Boston e aplicam na sua formação os princípios básicos de Keith Swanwick<sup>15</sup> (1979) e as influências do *Manhattanville Music Curriculum Program*.<sup>16</sup> (Vasconcelos & Artiaga, 2010, In Cunha, 2013, p. 73). A implementação das novas tecnologias na escola nos anos 90 fez com que a comunidade de professores de EM começassem a refletir sobre determinadas práticas utilizadas. (Cunha, 2006, In Cunha, 2013, p. 74).

O contexto atual é completamente diferente e o ensino da música tem sentido os efeitos da globalização. As novas tecnologias vieram tornar acessível uma enorme diversidade de música e vieram mudar também a forma como se ouve música. Esta revolução digital a que hoje assistimos corresponde também à miniaturização e portabilidade do equipamento de gravação e reprodução. O que significa que, qualquer música pode ser gravada e ouvida em qualquer altura por ouvintes de todo o mundo à distância de um clique. (Miell, MacDonald & Hargreaves, 2005, In Cunha, 2013, p. 75).

Para terminar este ponto, creio que está na altura de levar para a sala de EM estas ferramentas tecnológicas e novos instrumentos para além do instrumental *Orff*. Com isto, trabalhar também novos estilos e novas formas de fazer/compor música. Oferecer ao aluno um ambiente onde possa ser possível a exploração da sua musicalidade.

## Prática Pedagógica

Como já referi em outro momento neste trabalho, este projeto transformou-se no maior e mais importante ao nível pessoal e académico e julgo que fará parte integrante e da minha vida profissional futura. Assim, antes de passar a retratar aquelas que foram as minhas práticas e metodologias vou descrever como decorreu a fase inicial de conceção

---

<sup>15</sup> “Swanwick, na sua obra *A Basis for Music Education* (1979), acentua a ideia de que existem dois pontos importantes na educação musical. De acordo com o primeiro ponto, os professores deverão promover experiências musicais específicas; de acordo com o segundo, os estudantes deverão desempenhar diferentes papéis numa variedade de ambientes musicais. Não se deve insistir na ideia de que existe apenas um caminho, mas sim, manter disponíveis vários caminhos. Para isso, é importante procurar actividades que melhor fundamentem o envolvimento directo dos alunos com a música.” (Costa, 2010, p. 34)

<sup>16</sup> Espiral de Conceitos presente no Programa de Educação Musical no Ensino Básico.

do trabalho e como comecei a planear a minha PES, antes mesmo de iniciar o ano letivo 2019/2020.

## Planificação

Neste período de planificação era claro para mim que queria marcar a minha PES pela diferença na abordagem e no tema. Como ainda não tinha conhecimento das turmas a que ia lecionar, ou seja, não conhecia os alunos, a música que estes ouvem, as suas personalidades entre outros fatores que podem influenciar o funcionamento da disciplina, decidi então dividir a PES em duas partes. Pretendia abordar as “bandas sonoras”, usando como ponto de partida os *Jingles* publicitários, sendo que o resultado final seria musicar uma pequena cena de um filme. Neste seguimento, pretendia oferecer aos alunos a oportunidade de aprenderem um instrumento novo para além daquele que é o instrumental *Orff*. Tendo o privilégio de possuir alguns instrumentos tais como guitarras, bateria e baixo, pareceu-me uma boa iniciativa levá-los para a sala de aula e não ser eu a tocar para os alunos, mas num primeiro contacto serem os alunos a tocar e experimentar o instrumento, e na fase seguinte os alunos a terem a oportunidade de poderem estudar o instrumento e executar uma música em conjunto. Deste modo procurei mostrar aos alunos aquele que é o processo de formação de uma banda *Rock* ou *Pop* nos dias de hoje durante a sua formação. Processo este que engloba a descoberta do seu próprio som, os ensaios e criação das letras. Neste contexto, os alunos tiveram a oportunidade de escolherem o estilo, ou música que queriam trabalhar, como forma de encontrarem também a sua identidade musical. De acordo com este pensamento a nível de escolha de reportório, Green diz-nos que:

*“Para refletir de maneira mais completa ou precisa as identidades musicais dos alunos, parece apropriado dar aos alunos alguma autonomia para selecionar o conteúdo do currículo para si mesmos: ou seja, escolher a música em que trabalham nas aulas.”* (Green, 2008, p.11)<sup>17</sup>

Acima de tudo procurei promover o debate durante todo o procedimento onde a linguagem musical iria estar presente de uma forma natural. Ou seja, sem eu como

---

<sup>17</sup> Tradução de autor do original.

professor estar a preparar uma aula com uma certa matéria, mas antes abordando os conteúdos consoante chegava a altura de os incluir nos ensaios. Muito na linha de pensamento de Koellreutter,

*“(...) É preciso aproveitar o tempo para fazer música, improvisar, experimentar, discutir e debater. O mais importante é – sempre - o debate e, nesse sentido, os problemas que surgem no decorrer do trabalho interessam mais que as soluções.”*  
(Brito, 2001, p.32).

Considerando as duas opções temáticas procurei que as mesmas pudessem estar presentes a minha PES. Pretendi também criar hábitos culturais, algo que penso ser crucial não só na EM mas na educação cultural e artística de alguém. Decidi portanto, que devia proporcionar aos alunos diferentes situações:

- contacto com o passado e a atualidade da música em distintos momentos e períodos;
- observar as agendas culturais que a cidade oferece, e levar os meus alunos a usufruírem de concertos.

Com esta situação pretendo ensinar ao aluno quando ele exprime interesse ou curiosidade em aprender. Percebia desta maneira que tinha mais probabilidade de sucesso, ao invés de ser eu a “impor” a matéria na aula. Julgo que esta forma de condução das aulas vai ao encontro da “filosofia” de Koellreutter que nos anuncia que:

*“A melhor hora para apresentar um conceito, ou ensinar algo novo, é aquela em que o aluno quer saber. E o professor deve estar sempre atento e preparado para perceber e atender às necessidades de seus alunos.”* (Brito, 2001, p. 32).

## Período de observação

O período de observação teve início no dia 07 de Outubro de 2019 e consistiu na auscultação das aulas de EM ainda lecionada pelo professor cooperante. Com a duração de três semanas este período consistiu na observação de três aulas da turma do quinto ano, e três aulas da turma do sexto ano. Foi também crucial para perceber a dinâmica das turmas no que toca ao seu comportamento, interesse pela aula e trabalho em grupo.

Percebi aqui as dificuldades e os pontos fortes das duas turmas, e com isto concluí que as estas tinham bastante dificuldade em executar exercícios e coordenarem-se como um grupo de forma a manter uma pulsação regular. Foi então a minha prioridade trabalhar este conceito antes de começar com o que tinha planeado.

Verifiquei que no início de cada aula o professor cooperante fazia algumas perguntas sobre o conteúdo que tinha sido trabalhado na aula anterior, entendi assim que os alunos apenas tinham retido os conteúdos que tinham praticado, e foi claro para mim que a melhor forma de abordar a disciplina de modo a despertar o seu interesse e empenho, e a que esses fossem mantidos pelos alunos durante os noventa minutos da aula, era com uma abordagem prática. Algo que foi reforçado através de um questionário que tinha como objetivo entender o que eles esperavam das aulas, e como gostariam que elas fossem abordadas.

### Período de Responsabilização

No dia 28 de outubro de 2019 iniciei o período de responsabilização. Nas duas primeiras aulas comecei assim a trabalhar a pulsação, onde usei princípios da abordagem *Orff*, e ainda procedi a iniciação do tema sobre bandas sonoras.

Durante o período de reflexão, após algumas aulas percebi que ainda existia pouco interesse no tema, apesar de o empenho e participação dos alunos ter sido muito mais positivo em comparação com as sessões anteriores, e os resultados das atividades ultrapassarem as minhas expectativas. Apesar destes resultados percebi que conseguia envolvê-los ainda mais e com mais entusiasmo. Em aulas iniciais sempre que tinha um conteúdo previsto no Programa de Educação Musical na Planificação Anual e na minha planificação da aula, preferi em primeiro lugar executar as atividades e no fim criar um espaço de debate e reflexão com os alunos sobre o que tinham acabado de fazer. Ou seja, partir da prática para a teoria e não da teoria para a prática. Percebi que era uma forma de os alunos compreenderem melhor os conteúdos. Achei curioso observar a participação e dedicação dos alunos nos debates, sendo que por vezes o meu papel era de mediador, deixando-os conduzir os assuntos. Percebi que existia um fator comum entre as turmas, que era o empenho dos alunos quando estavam em contacto com os instrumentos e tinham uma sessão de experimentação e criação.

Deste modo entendi que nesta fase não devia insistir no tema, e planejar outras atividades através da prática de experimentação e criação.

Nas aulas que se seguiram, decidi então optar por uma abordagem onde a prática musical iria ser uma constante e sempre que percebia que os alunos estavam preparados incluía os conteúdos previstos no programa. Elaborei assim um arranjo de uma peça de Natal para instrumental *Orff* e dividi a turma em quatro grupo, pelos quatro registos de instrumentos (Metalofones baixos, contralto, soprano, e jogo de sinos). Os grupos formados por mim prévia evitar alunos excluídos, algo que já tinha acontecido no período de observação. Com a ajuda do meu par pedagógico e professor cooperante explicámos a um membro de cada grupo como o seu instrumento deveria ser executado. De a modo promover o trabalho de grupo entre os alunos pedi aos primeiros membros que já sabiam o que tinham de fazer que ensinassem o mesmo a um colega, e de seguida esse membro teria de ensinar ao seguinte e assim sucessivamente.

Relativamente ao trabalho entre pares, decidi fundamentar esta minha prática com as palavras de Lourenço e Machado que nos indicam que:

“A incorporação do trabalho entre pares no processo de ensino-aprendizagem afasta-se de uma conceção de aula em que os alunos “assistem”, “ouvem” e realizam exercícios sob a batuta do professor e, numa perspetiva construtivista, valoriza a intersubjetividade e a criação coletiva de significados, implicando a interação social como fonte que alimenta a aprendizagem.” (Lourenço & Machado, 2017, p. 127)

Os autores fazem também uma referência a Nérici, que nos indica que cooperação entre alunos desenvolve a sua autoconfiança:

“*O recurso a cooperação, não apenas entre professor e alunos mas também entre os alunos que trabalham em conjunto, contribui para que cada educando aprenda a estudar em grupo, seja introduzido em trabalhos autónomos e desenvolva a autoconfiança.*” (Nérici, 1992, In Lourenço & Machado, 2017, p. 126)

Este tipo de trabalho permite também aumentar a motivação do aluno para a tarefa a executar, Lourenço refere que este método vem facilitar o caminho ao sucesso para aqueles alunos que não possuem tantas capacidades, e ao perceberem que conseguem

ver as suas dificuldades ultrapassadas através da ajuda dos colegas, ficam mais motivados para o estudo.

*“Um dos papéis mais preponderantes dos líderes no desempenho das suas tarefas são então ajudar os alunos apoiados a experimentarem o êxito, aumentando a sua auto-estima, reforçando o compromisso com o estudo, diminuindo as vivências de fracasso e adaptando as tarefas às suas possibilidades.”* (Lourenço M. R., 2018, p. 160)

Continuando, esta atuação contribuiu para responsabilizar os alunos e garantir que a aprendizagem acontecia bem como a dedicação à execução dos arranjos. Cada grupo tinha também de manusear todos os instrumentos antes de serem juntados e começarem assim os ensaios para a *performance* final. Com isto pretendia desenvolver nos alunos a capacidade de comunicação, criatividade, apropriação e reflexão e fortalecer o espírito de grupo. Algo que segue a visão de Ribeiro no seu projeto “O Projeto Rock e o Gosto dos Alunos” realizado no Conservatório do Vale do Sousa, projeto este que foi apresentado no IV Encontro do Ensino Artístico Especializado da Música do Vale do Sousa, abordando o tema “O Ensino da Música no Século XXI: Desafios e Compromissos.”. Ribeiro refere que:

*“O professor tem como função facilitar a troca de informação e de conhecimento entre os alunos, intervindo nos debates e providenciando para que todos os alunos interajam mutuamente. Este modelo de ensino desenvolve nos alunos uma maior criatividade, uma maior atitude crítica, fortalecendo o espírito de grupo e desenvolvendo capacidades de comunicação interpessoal.”* (Ribeiro A. J., 2019, p. 41)

Ribeiro faz uma referência a Cabanas (2002), citando:

*“(...) a educação faz-se em grupo e pelo grupo, de modo que é este que encarna a função educadora. É no seu seio que se realiza o crescimento de cada indivíduo. (...) o professor é um conselheiro técnico que está à disposição do grupo quando este reclamar a sua assistência, o seu papel é, sobretudo, o de “animador” do grupo”* (Cabanas, 2002, p.82, In Ribeiro A. J., 2019, p.41).

Nesta fase de trabalhos percebi que tinha um(a) aluno(a) que devido a motivos religiosos não celebrava o Natal e por consequência não quis participar na fase de experimentação e posteriormente nos ensaios. Procurei ultrapassar esta situação e explicar que apesar de a peça ser de carácter natalício não continha nenhuma referência religiosa e não tinha nenhuma letra. Depois de perceber que não consegui incluir o(a) discente nos ensaios decidi então propor um trabalho escrito onde os temas possíveis eram “A Música e a Arte da Idade Média” ou “A influência da Religião na Arte”. Quando me foi entregue este trabalho expliquei que o ato de fazer música ou arte é algo que não tem um fator religioso, independentemente do carácter que se pretende. Mesmo depois de o(a) aluno(a) ter percebido as explicações dadas ter compreendido que ao longo de muitos anos a religião, o mecenas mais importante para o desenvolvimento artístico, ainda assim se recusou a participar nos ensaios. Contudo participou na visita de estudo que falarei posteriormente. Entretanto os ensaios correram como previsto e apesar de não ter uma apresentação pública foi possível executar com sucesso o arranjo musical.

O início do segundo período foi a oportunidade de começar um projeto novo, que apesar de manter o mesmo método, os recursos foram diferentes. Ao trazer para a sala de aula instrumentos como bateria e guitarra elétrica, foi criado nos alunos, ao perceberem que iam ter contacto com instrumentos mais apelativos para a sua aprendizagem, uma outra forma de entender a disciplina. E aqui o entusiasmo para eles foi notória desde o momento em que começaram as aulas. Algo a que queria expor os alunos, era ao processo de formação de uma banda ou seja, a exploração do seu próprio som com sessões de experimentação e criação, a pesquisa de influências e referências musicais nacionais e internacionais. Com isto não só expandir o repertório que os discentes ouvem no seu dia-a-dia, como também ter contacto com um instrumento fora do convencional “instrumento de sala de aula”. As duas primeiras aulas serviram como um primeiro contacto com os recursos que iriam utilizar. Optei numa primeira fase dar a liberdade de o discente explorar o instrumento e tentar descobrir por si como “tirar som” do mesmo. Serviram também para elaborarmos um pequeno arranjo musical e executarmos o mesmo em conjunto. Por iniciativa dos alunos ficou decidido que iria ser trabalhado uma música escolhida por eles. Ficou então acordado que seria trabalhada a música “*Roxanne*” da banda norte americana de *eletropop* “*Arizona*”. O recurso que elaborei para as restantes aulas foi apenas um arranjo base para que fosse possível fazer a introdução do instrumental aos alunos. Novamente refiro que nesta fase todos os alunos

poderam manusear todos os instrumentos com a mesma abordagem de primeiro projeto. Como forma de os motivar ainda mais para as aulas, propus a organização de um evento na escola o “Dia da Música”<sup>18</sup>. Algo que foi recebido com bastante entusiasmo e que acabou por se mostrar o fator mais importante na entrega dos discentes ao projeto assim como a sua motivação.

Decidi optar por uma metodologia de projeto para que envolvesse o aluno ainda mais na sua aprendizagem e na busca do conhecimento à medida que os trabalhos iam avançando. Com o mesmo pensamento Santos, Bentes & Serique indicam que:

*“Destacamos que o trabalho com projetos deve buscar envolver o educando da maneira mais efetiva possível, entendendo que a aprendizagem acontece no processo de produção, nas dúvidas que surgem e nas relações que se criam e subsidiam novos olhares, descobertas e a construção do conhecimento.”* (Santos, Bentes & Serique, 2018, p. 37)

Infelizmente o desenvolvimento deste projeto e o decorrer das sessões letivas viram a sua interrupção devido à entrada do estado de emergência. Fator que exigiu o encerramento imediato das instituições de ensino e assim a interrupção das sessões presenciais.

## Covid-19

Devido à pandemia de *Covid-19* a comunidade acadêmica e demais organismos envolvidos na PES, depararam-se de uma forma quase abrupta sem a sua sala de aula e os seus alunos. Ocorreu um período de encontrar novos meios de continuar a trabalhar com os alunos via online. De entre muitas situações adversas, foram notórias as desigualdades sociais que ainda encontramos na nossa sociedade, dado que alguns alunos não puderam ter acesso à continuidade dos seus estudos porque não possuíam dispositivos técnicos que permitissem o acesso à *internet*. Este cenário impossibilitou o contato com os seus professores e com os colegas. Neste enquadramento, tive necessidade de fazer uso dos mais variados recursos tecnológicos como forma de dar continuidade ao trabalho que estava a ser feito com os alunos. Devo ainda referir a importância que a minha formação (Licenciatura e Mestrado) permitiu adquirir nesta situação que foi um

---

<sup>18</sup> Atividade irei explicar no tópico seguinte “Atividades e Projetos”.

crescimento pessoal a diferentes níveis e que ainda provocou o uso da minha capacidade perante os desafios de confinamento e crise social. Nos cinco anos de formação foram-me transmitidos através dos diferentes conteúdos ministrados em UC relativos às novas tecnologias, bem como o uso de algumas plataformas de ensino *online*, algo que sempre tive curiosidade em explorar.

Neste ambiente decidi elaborar duas atividades, das quais os alunos podiam optar por uma delas, tendo obviamente a liberdade para explorarem as duas. Um destes trabalhos teria como título “Vamos falar de Música.” consistia na análise informal de um álbum de uma banda ou artista português. A ideia era abordar a música, todo o trabalho artístico existente e a própria banda ou artista. Furneci um guião onde expliquei detalhadamente o que era pretendido e incluí um exemplo de uma análise feita por uma jornalista da revista *Blitz*<sup>19</sup>. Nesse guião foi aconselhado aos alunos um documentário português “A arte elétrica em Portugal” da RTP que expunha o trabalho e história de vários artistas portugueses. Aqui teriam de escolher uma das bandas retratadas, ou poderiam simplesmente eleger uma que eles preferissem. A outra proposta de trabalho, a que dei o nome de “A minha primeira música.”, e consistia na criação de uma música através da plataforma *Bandlab*. Esta ferramenta digital possui uma versão orientada para a educação onde professores podem criar as suas “Escolas” e neste sentido “salas” virtualmente, para posteriormente criar tarefas com os mais variados objetivos para os seus alunos. A plataforma referida permite também a criação de música e a produção da mesma, nos mais variados estilos disponíveis, possibilitando também a mistura entre eles e a gravação de instrumentos. Oferece uma enorme variedade de *loops* com grande qualidade sonora, nas mais variadas tonalidades (permitindo também transposições) e tempos. Acaba por ser uma excelente opção para toda a gente que pretende começar a criar e produzir música, e um ótimo recurso a usar na sala de EM. Neste sentido criei salas de aula virtuais para as turmas e criei a tarefa para os alunos realizarem em casa. Algo que eu poderia acompanhar em tempo real deixando as minhas notas à consideração do aluno. Poderia também criar algo em simultâneo, contudo achei importante que o aluno tivesse 100% do controlo no seu trabalho. Concebi também um tutorial onde expliquei

---

<sup>19</sup> Link - <https://blitz.pt/principal/update/2020-03-27-Chegou-o-novo-album-dos-Pearl-Jam.-Sera-que-vale-a-pena->

todo o processo da criação da conta gratuita, e da criação de música. Este tutorial ficou disponível apenas para os alunos na plataforma *Youtube*<sup>20</sup>.

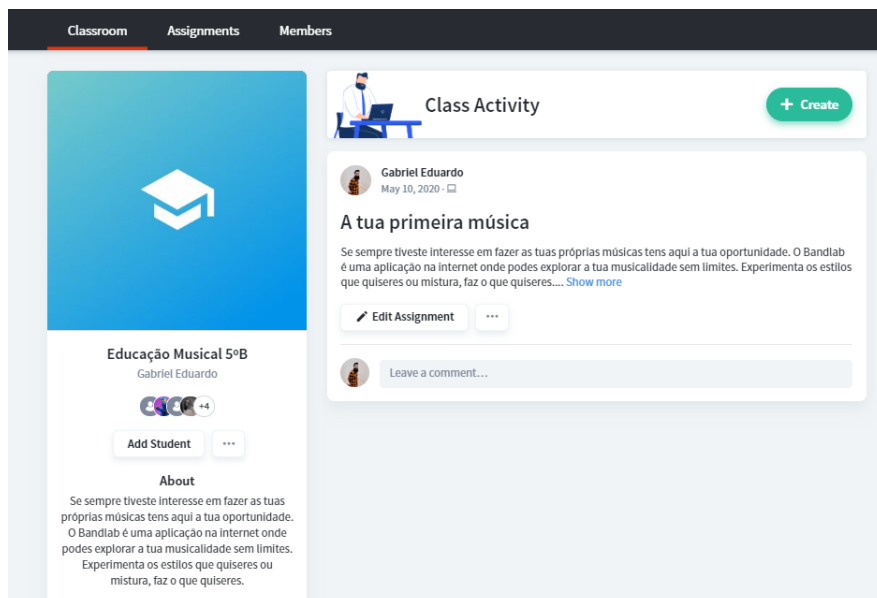


Figura 5

Estes foram os dois grandes trabalhos que os alunos desenvolveram durante o período de quarentena. Para as aulas-online semanais preparava pequenos jogos onde procurei debater os mais variados temas, desde a forma musical, música erudita, música eletrónica. Nas últimas duas semanas, e depois de os alunos terem concluído os trabalhos propostos (antes daquilo que eu previa), sugeri um último trabalho que consistia na criação de uma história através da audição de uma obra. Este último trabalho apenas foi pedido à turma do quinto ano, visto que o meu par pedagógico estava responsável pela turma do sexto ano. A obra teria de ser da escolha dos alunos.

As aulas semanais continuaram a ser lecionadas no mesmo horário através da plataforma *Teams* da *Microsoft*. As mesmas tinham a duração de 45 min, e consistiam na exposição de dúvidas que os alunos tinham em relação às atividades que lhes foram propostas, e na audição de várias peças musicais seguidas sempre de um debate.

Em suma, foi desta forma que ultrapassei as minhas dificuldades em tempo de pandemia e posso afirmar que se tratou de uma experiência para o futuro, dado que penso

---

<sup>20</sup> Link - <https://youtu.be/WfeG9k30OJA>

utilizar alguma dos recursos mencionados como complemento à minha prática educativa numa escola virtual ou em outro formato.

## Atividades e Projetos

Como referido no tópico onde abordo a planificação para o ano letivo, tive como objetivo levar a turma a assistir a um concerto no TMB como forma de promover não só a educação musical e ainda a educação cultural dos alunos.

Tive neste caso a oportunidade de realizar com a turma uma visita de estudo ao Auditório Municipal de Mirandela, onde os alunos tiveram a oportunidade assistir a todo o processo de preparação de um concerto e o dia-a-dia de um músico. Nesta atividade puderam ainda conhecer o coro do IPB e participar na sessão inicial de aquecimento vocal. Nesta fase também foi preparada uma aula de carácter breve, sobre o instrumento que nos acompanha diariamente, a voz. Para o efeito realizaram vários exercícios, e no final desta sessão cantaram em conjunto com o coro uma das obras de Natal que havia sido preparada previamente<sup>21</sup>. Na fase final da visita, os alunos assistiram ao ensaio do coro juntamente com a orquestra e acompanharam todo o processo de preparação do repertório que estava a ser trabalhado.

Com esta atividade pretendi que os alunos conhecessem o processo de preparação de um concerto de música erudita, e desta maneira passassem a valorizar mais a música e as pessoas envolvidas, como por exemplo o maestro. Tive ainda como objetivo que percebessem melhor o trabalho dos músicos e o valorizassem. A confirmação de que a atividade cumpriu os seus objetivos ficou patente num questionário realizado aos alunos no qual se observou que estes na sua maioria construíram uma nova opinião sobre o tema, o que irei retratar no tópico (Avaliação das aprendizagens/resultados).

No início do segundo período foi proposto aos alunos organizar um dia da música na escola. Nesta atividade podiam apresentar aos colegas o trabalho preparado durante as aulas e, através de um concerto onde iriam também participar alguns alunos da ESE e o coro do IPB, exibiam as suas *performances*, alguns trabalhos escritos sobre

---

<sup>21</sup> Relativamente ao(a) aluno(a) que se recusava a executar o arranjo musical na sala de aula. Aqui participou sem qualquer problema.

artistas atuais e compositores eruditos. Os trabalhos expostos em duas salas correspondiam a temas “Música atual” e “Música Erudita”, e estavam abertas para que todos os alunos pudessem ver os trabalhos feitos pelos colegas. Numa outra sala foi preparada para a experimentação de instrumentos. Ou seja, os alunos que aprenderam a tocar bateria guitarra e baixo durante o segundo período apresentavam o instrumento aos restantes colegas e explicavam como o mesmo é tocado. Seria uma oportunidade interessante de partilha e experimentação de instrumentos que nem sempre estão ao alcance dos alunos neste nível de ensino.

Infelizmente devido à situação de pandemia de Covid-19, que também afetou Portugal, o evento não foi possível ser realizado.

### Integração nas estruturas de Orientação Educativa

Aquando do início do período de responsabilização foram realizadas duas reuniões com os diretores(as) de turma, por minha solicitação. De entre várias situações, os objetivos da reunião procuraram que as pessoas da escola nos conhecessem (a mim e ao meu par pedagógico); obter informações sobre os alunos de forma a facilitar o processo de aprendizagem e eventuais estratégias a definir; perceber também “o olhar” de outros docentes sobre as turmas, nomeadamente os seus pontos fortes e menos fortes.

No final do primeiro período foram realizadas as reuniões de avaliação nas quais pude participar. Este momento foi importante porque se tratou de um primeiro contacto com toda a organização docente das duas turmas. Foram igualmente úteis para perceber o comportamento dos alunos nas restantes disciplinas e compreender como os professores ultrapassavam as dificuldades com cada aluno.

### Avaliação das aprendizagens/resultados

No sentido de promover a prática musical e a audição em busca de influências musicais, construí “o esqueleto” do meu trabalho para a PES muito apoiado nas experiências que tive quando iniciava um projeto musical com colegas. Também a observação das experiências de outras bandas onde aconteceram conversas sobre música e sobre as aulas de EM que todos tivemos, foi importante na construção da minha

metodologia. Algo que percebi durante este período da minha vida foi que a sala de aula de EM pode e deve ser o espaço que promove uma determinada prática, e de certa forma prepara os alunos que podem um dia vir a criar o seu próprio projeto musical. Acrescento que também por motivos económicos, para alguns alunos pode até ser a única forma de terem acesso a esta formação inicial.

De forma a ser mais perceptível, resumo a minha abordagem final, descrevendo-a por processos:

1. numa primeira fase, antes de proceder à prática no terreno, selecionou-se a música a ser estudada e trabalhada: Para tal foi realizada uma votação onde cada aluno escolheu uma música do seu gosto e o instrumento<sup>22</sup> que gostava de aprender. Este fator foi essencial para a motivação e dedicação do aluno nas aulas futuras. Como forma de motivar ainda mais os alunos, foi proposto organizar um dia da música na escola onde foi organizado um concerto juntamente com outros colegas/artistas da Licenciatura de Música em Contextos Comunitários.

Julgo que estes dois fatores se tornaram essenciais em todo o processo e, como referi anteriormente, foram cruciais para causar entusiasmo na turma. Percebi que os alunos estavam unidos e com um objetivo em comum. Procuravam adquirir novos conhecimentos quando era desenvolvida a letra da música (como por exemplo: desenvolveram noções rítmicas na construção de um poema no qual era necessário criar um determinado ritmo); quando era altura de executar o instrumental (procurando novas técnicas mas fáceis, e mantendo uma pulsação regular enquanto tocavam, a leitura em partitura no momento em que era executado o instrumental *Orff*, ou das tablaturas no instante em que foram introduzidos as guitarras e o baixo). Por vezes percebi que ao invés de ser eu a impor um conteúdo, eram os alunos que procuravam as respostas à situação criada. No sentido de observar como a atividade decorreu e aferir o “grau” de satisfação dos alunos, foi implementado um questionário do qual saliento alguns comentários dos alunos à questão “O que mais gostaste nas aulas?”:

---

<sup>22</sup> Estes instrumentos no primeiro projeto foram (metalofones baixos, alto, soprano e jogo de sinos). No segundo projeto foram (Bateria, Guitarra elétrica e acústica, e baixo Elétrico).

*“Eu gostei mais de aprender e tocar guitarra. Porque aprendi a tocar um instrumento de que eu sempre quis tocar”*

*“O que eu mais gostei nas aulas foi tocar instrumentos e criar letras com o ritmo de outra música.”*

*“Dos ensaios para a festa do dia da música no final do 2.º Período”*

2. a segunda fase deu início à experimentação e criação. Nesta etapa os alunos tiveram o seu primeiro contacto com os instrumentos. Na primeira sessão, e de forma a poderem explorar a sua sonoridade, não foi aplicado nenhum exercício. O próprio teve de explorar e tentar perceber como conseguir extrair som do seu instrumento. Na segunda sessão foi preparado em conjunto com os alunos uma progressão de acordes que foi trabalhada na aula e executada no final da mesma. Nesta fase tiveram o apoio na execução dos instrumentos e na orientação da construção da progressão. Foi ainda importante explorar também a “musicalidade” dos alunos.

Deste modo tiveram oportunidade não só de ter contacto com um instrumento alternativo ao instrumento de sala de aula, como também tiveram a ocasião de perceber a sua evolução histórica, compreender o seu papel numa banda e ainda as suas técnicas. Foram ainda realizadas audições sobre história da música, audições de música erudita, música urbana e música tradicional. Após as audições foi criado um período de debate onde os alunos expressaram o que a música lhes transmitiu. Cada um procurou fazer a sua análise informal do que tinha escutado procurando saber mais sobre os seus compositores e sobre o estilo da peça. Esta situação demonstrou ser muito útil para o desenvolvimento dos trabalhos que seriam expostos no dia da música. Gostaria de referir que estes debates foram sempre da iniciativa dos alunos, nunca os procurei impor e apenas orientei os diálogos ou explicando algum assunto que era solicitado. Creio pois que se tratou de um bom exemplo de como “plantar a semente da curiosidade”. Reforço as minhas observações com as respostas dos alunos ao questionário já aludido anteriormente:

*“O que eu mais gostei nas aulas até agora foi, aprender novas coisas, tanto em matéria quanto em novos instrumentos, também gostei de ele nos ter dado oportunidade de conhecermos novos instrumentos e novas coisas sobre o mundo da música.”*

*“Foi a utilização de instrumentos de diferentes estilos e também de diferentes gerações. Como por exemplo a guitarra, tive a oportunidade de experimentar tocar numa guitarra normal e outra elétrica.”*

*“Gostei de tocar instrumentos novos para além da flauta e compor uma música.”*

Durante estas sessões percebi que os alunos falavam entre eles de alguns artistas ou bandas que gostavam e tinham como referência. Aproveitei estes episódios para os conhecer melhor musicalmente e percebi que ainda desconheciam grande parte da música que se fazia e ainda se faz atualmente (nacional e internacional). Respetivamente ao estilo com o qual se identificavam mais. Como forma de expandir e enriquecer o repertório musical dos alunos, identifiquei quais os estilos que estes mais referiam e resolvi fazer algumas *playlists* com bandas. Esta fase de pesquisa permitiu também alargar os conhecimentos dos alunos e o meu próprio. Através da observação direta e alguns registos escritos que a seguir transcrevo, pude constatar o entusiasmo que a atividade provocou nos alunos, tornando-se uma das minhas maiores conquistas. Faço, de seguida a exposição do *e-mail* que me foi dirigido por alunos.

*“Olá professor Gabriel obrigado pela Playlist até agora ainda não ouvi todas as músicas mas as que gostei mais foram o i'm broken e o no way out. Professor tenho achado as aulas muito interessantes e adorei experimentar tocar baixo motiveime e por isso inscrevi e em aulas de baixo. Um abraço. “<sup>23</sup>*

---

<sup>23</sup> Copiado do original, sem a correção ortográfica.

Devo referir que o(a) aluno(a), após as experiências acontecidas nas aulas, ficou motivado e inscreveu-se numa escola de música do local de residência. Este(a) aluno(a) esteve anteriormente inscrito(a) em aulas de guitarra, mas por não estar motivado(a) decidiu desistir.

Antes de explanar o terceiro passo ou terceira fase de trabalho, vou tecer algumas considerações sobre a forma como decorre a implementação dos métodos e práticas no processo de aprendizagem. Como já referi, sempre eu tinha alguma temática planeada para uma aula procurava sempre primeiro criar a atenção e o interesse do aluno através da experiência musical sem um carácter de obrigatoriedade. Considerando os diferentes níveis de preparação que por vezes presentes nos alunos, também a minha condução era alvo destas considerações. Neste sentido, quando existe um aluno que não está a conseguir ter o mesmo ritmo na aprendizagem, cabe ao professor encontrar estratégias que minimizem qualquer “mau estar” ou “frustração”, impedindo a desmotivação e desinteresse na disciplina. A minha experiência pessoal enquanto aluno, convocaram-me a que procurasse alternativas diferentes daquelas que vivenciei. Recorrendo uma vez mais ao questionário, onde a pergunta era sobre o que os alunos achavam das atitudes e métodos do professor, as respostas indicam que no seu entender a minha abordagem teve o resultado pretendido:

*“Achei bastante divertido e diferentes. Achei que foram corretas, pois importou-se muito com o nosso desempenho, tanto na música e em nós como pessoas. Tirou-me sempre as dúvidas e fez com que eu gostasse mais de música.”*

*“Achei que as suas atitudes foram corretas. Achei que foi bom. Eu gostei. E também porque se percebia o que ele ensinava.”*

*“Que sabe dar aulas, é paciente e engraçado e alegrava as nossas aulas. Bom, não cansativo e não aborrecido.”*

*“Achei o professor muito motivador e sempre bem-disposto. Achei que os seus métodos foram inovadores.”*

Devido a toda a situação que decorreu de surto de pandemia de Covid-19, a terceira fase não foi possível de ser efetuada. Deste modo suporto a minha narrativa a

partir das últimas aulas que foram lecionadas e da observação direta. A fase a descrever consiste na apresentação dos trabalhos realizados. Assim foi possível observar durante as últimas aulas que os alunos na sua grande maioria obtiveram as competências musicais que estavam delineadas no início do ano. As últimas aulas antes do Covid-19 como referi, representaram o ensaio geral para o concerto final. Os alunos mostraram que de alguma forma já dominavam diferentes componentes musicais quando durante a execução do arranjo musical proponham alterações do mesmo, como por exemplo onde poderiam acrescentar algo num determinado tempo de um respetivo compasso. No instrumental, foi proposto pelo(a) aluno(a) que estava a tocar o baixo uma outra forma de execução que era mais fácil e que correspondia ao que já estava escrito anteriormente. Outros pormenores de carácter estético e dinâmicas foram outras das propostas concebidas pelos alunos. De acordo com a minha análise, estas situações podem denotar que os alunos perceberam todos os conteúdos, dominando-os, o que lhes será útil caso queiram optar por seguir a vida musical e criar os seus projetos. Algo que gostava de realçar foi a evolução no trabalho de grupo onde todos os alunos procuravam participar de forma construtiva, dinâmica, demonstrando bastante envolvimento e gosto.

Não pretendo afirmar que as práticas realizadas são as ideais para uma boa aula de EM, mas foram aquelas com as quais pude efetuar um trabalho onde a “voz” das crianças era importante. Não existe uma fórmula secreta para o sucesso sendo que cada turma tem a sua personalidade e dentro da mesma existem outras vinte, tendo sempre que cada método ser adaptado a cada contexto. Os resultados agora expressos foram positivos com as turmas com as quais trabalhei e merecendo as adaptações necessárias ao longo de cada aula, como descrevo nas reflexões de cada sessão.

No que toca aos resultados em relação à visita de estudo, durante o período inicial verifiquei nos alunos alguma hesitação em cantar, ou apreciar música erudita ou até mesmo abertura para a matéria. Algo que procurei alterar com a visita. Nesse dia não quis constranger os alunos que não participaram no aquecimento vocal do coro, sendo que alguns momentos depois de iniciados os exercícios, alguns mudaram de opinião e quiseram juntar-se ao grupo, fazendo também questões. Aliás, durante todo o período que decorreu a visita de estudo, as questões foram-se multiplicando, o que denota o interesse dos alunos. Como já referi em outro momento deste relatório percebi através das respostas ao questionário que os alunos depois deste dia estavam interessados em saber mais sobre história da música (relativamente ao contexto que presenciaram), tendo mesmo ganho

mais respeito pela profissão de Músico e pela música erudita. Devido a este dia, um(a) aluno(a) inscreveu-se em aulas de música.

*“Valorizo mais as pessoas que dedicam a sua vida a praticar e ensinar música e também valorizo mais a música erudita.”*

*“Sim valorizo mais. Sim, porque, eu neste caso ando numa escola de música e gosto de lá andar, valorizo muito a música erudita.”*

Foi gratificante perceber a evolução musical dos alunos durante as aulas e ver o seu interesse e dedicação. Algo que no início do ano letivo em alguns casos era inexistente. Com os resultados obtidos através deste percurso penso que a utilização de laboratórios musicais que procuram a EM dos alunos através da prática, onde os alunos têm a sua liberdade para explorarem o seu som e criando os seus projetos, podem assim de uma forma interativa e com o ambiente sempre recheado de música, encontrar e partilhar o conhecimento musical à medida que vão precisando de o obter.

E penso que desta forma os alunos ficam com uma melhor preparação caso um dia pretenderem ingressar na área da música ou iniciarem os seus projetos.

Coda

## Considerações finais

Ao longo do meu percurso durante PES procurei encaminhar para as minhas práticas os desafios que penso serem comuns na criação de projetos de música urbana nos dias de hoje, partindo do princípio que esses mesmos projetos são criados por músicos amadores, e contextualizar estes desafios no ambiente de ensino/aprendizagem na sala de EM. Tendo como pontos de partida o que são os gostos musicais dos alunos, e a oportunidade da criação de um projeto<sup>24</sup> onde são apresentados os trabalhos no formato pretendido pelos mesmos, passando também por momentos de experimentação e criação onde os discentes podem explorar livremente a sua musicalidade com ou sem instrumento. Neste cenário, as aulas e a escola podem e devem vir a corresponder às necessidades musicais do aluno nos dias de hoje.

Iniciando esta minha prática com uma atitude reflexiva, tentei apoiar este género de abordagem naquilo que foram as minhas experiências nos momentos em que iniciava algum projeto. Estes fatores identificados nas mesmas eram também coincidentes com outros vários projetos que tive conhecimento e o prazer de acompanhar. Esta abordagem permite que o ato de ouvir música, em busca de influências e expansão de conhecimento musical, fazer música, numa tentativa de expressar algo ou simplesmente de descontração, e a criação do contexto de apresentação do trabalho, é um estímulo à motivação dos alunos, onde serão os próprios a procurar uma participação mais ativa no processo de aprendizagem.

Com esta forma de educar para a música e com os resultados obtidos, não pretendo desvalorizar outros métodos e outras abordagens à EM. Toda a PES centrou-se naquilo que é o processo de criação de um projeto musical. Fortemente centrado na música urbana e na música apreciada pelos alunos do ensino básico, a abordagem aqui usada passa também pela música erudita com o objetivo de nutrir a curiosidade do aluno para aquilo que é a história da música.

Pretendo com este formato de educação e ensino, uma forma de mais professores arriscarem e transformarem aquilo que são as suas práticas. E também uma porta aberta para outros estudos que visam à preparação do aluno para aquilo que são os desafios da música na atualidade.

---

<sup>24</sup> Que neste caso é referente ao dia da música.

## **Reflexão final**

Este relatório permitiu-me perceber melhor a forma como toda a PES decorreu e por consequência refletir e compreender as práticas desenvolvidas ao longo deste que foi o primeiro ano em contacto com a escola como professor. Um ano repleto de pequenas conquistas, alegrias, algumas angústias, grandes desafios e a convivência com as inseguranças. Permitiu-me também compreender os desafios e realidades a que um futuro professor está sujeito. Foi de facto um período e uma etapa extremamente importante para o meu desenvolvimento como profissional e no que são as competências e atitudes adquiridas.

Em primeiro lugar o estágio foi fundamental para o desenvolvimento dos conhecimentos obtidos não só durante o Mestrado, mas também na licenciatura. Onde foi preciso conhecer e compreender os conteúdos para que seja possível a criação de estratégias de ensino, e indo mais longe, não tornando este conteúdo aborrecido. Promovendo também um ensino que cativa e que seja dinâmico. A criação de um ambiente onde a prática musical, a experimentação e criação, a audição e o debate de modo a cativar o aluno para os conteúdos e principalmente para a música. Sendo também capaz de ultrapassar qualquer obstáculo que apareça no caminho ao qual não estava planeado ou previsto.

Em segundo lugar serviu para fazer crescer os meus conhecimentos a nível de reportório musical. Onde procurei saber qual a música que os alunos ouvem, conhecer os seus artistas e bandas, procurar novas tendências e referências que irei levar comigo. Perceber o que é esperado por parte do discente, da disciplina de EM. Algo que será usado para adaptar os meus métodos às necessidades do aluno.

Este ano foi também a oportunidade de vivenciar aquilo que é a organização do espaço escolar, nomeadamente ao funcionamento dos órgãos administrativos e a sua organização pedagógica. A forma como são usados os espaços e materiais, e com o desenvolvimento de relações e interações pessoais não só com toda a comunidade docente, não docente e alunos mas também com outras instituições de ensino e culturais.

## Bibliografia

- Abreu, D. V. (2011). *TORNAR-SE UM PROFESSOR DE MÚSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Um estudo a partir de narrativas de professores*. Tese de Doutorado , Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes , Porto Alegre.
- Araujo, K. K. (s.d.). A CONTRIBUIÇÃO DA MÚSICA PARA O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA - A educação e a música, a música no Brasil, o papel do ensino de música na formação do cidadão e a música e seus benefícios no contexto escolar. Brasil. Obtido em 03 de Abril de 2020, de [https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-contribuicao-da-musica-para-desenvolvimento-e-aprendizagem-da-crianca.htm#indice\\_3](https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-contribuicao-da-musica-para-desenvolvimento-e-aprendizagem-da-crianca.htm#indice_3)
- Arroyo, M. (2002). Educação musical na contemporaneidade. *II Seminário Nacional De Pesquisa em Música da UFG*.
- Ben, L. M. (2001). *CONCEPÇÕES E AÇÕES DE EDUCAÇÃO MUSICAL ESCOLAR: TRÊS ESTUDOS DE CASO*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul , Instituto de Artes - Departamento de Música, Porto Alegre.
- Brito, T. A. (2001). *Koellreutter educador : O humano como objetivo da educação musical*. São Paulo , Peirópolis, Brasil: Fundação Peirópolis Ltda .
- Charlot, B. (2008). O PROFESSOR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.: *UM TRABALHADOR DA CONTRADIÇÃO*.
- Correia, M. P. (2017). *PARTITURAS NÃO CONVENCIONAIS: UM RECURSO DIDÁTICO EM CONTEXTO ESCOLAR*. Dissertação de Mestrado , Instituto Politécnico de Viana do Castelo , Viana do Castelo.
- Costa, M. M. (2010). *O VALOR DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE KEITH SWANWICK*. Dissertação de Mestrado em Educação, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa .
- Cunha, P. F. (2013). *MÚSICA BEM TEMPERADA NA ESCOLA - Narrativas de Vida na Construção da Profissionalidade de um*. Tese de Doutorado, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação , Porto.

de Oliveira, F. R., de Oliveira, D. H., & Fernandes, A. H. (Janeiro - Fevereiro - Março de 2020).  
METODOLOGIAS ATIVAS. *REPENSANDO A PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO  
EDUCACIONAL DO SÉCULO XXI, II.*

Fonseca, T. M. (2008). *Ensinar - Aprender. Pensando a prática pedagógica.*

Gonçalves, F. C. (2011). *Abordagem à Criação Musical nas Aulas de Educação Musical na  
Academia de Música Fernandes Fão.* Tese de Mestrado , Instituto Politécnico de Viana  
do Castelo.

Green, L. (2008). *Music, Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy.*  
Ashgate Publishing, Ltd.

Ikenouchi, T. (Maio de 1955). SCHOOL MUSIC EDUCATION IN JAPAN. *Music in Education.*

Kieckhoefe, J. C. (2011). AS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO.

Kraus, E. (Maio de 1955). SCHOOL MUSIC EDUCATION IN GERMANY . *Music in Education* .  
Obtido em 03 de Abril de 2020, de  
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000126900>

Líbano, R. N. (2012). *PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA DE ENSINO DA EDUCAÇÃO  
MUSICAL NO ENSINO BÁSICO.* Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de  
Educação de Bragança para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação  
Musical no Ensino Básico , Escola Superior de Eduação de Bragança, Bragança.

Lourenço, M. R. (novembro de 2018). INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E MUDANÇA EDUCATIVA - Da  
teoria à(s) prática(s). *Apoio curricular entre pares – por dentro do projeto.*

Lourenço, M. R., & Machado, J. (2017). APRENDER JUNTOS: PROJETO DE APOIO CURRICULAR  
ENTRE PARES. 17.

Marques, A. C. (2013). *O Professor do séc. XXI e o uso das aplicações informáticas.* Tese de  
Mestrado , Escola Superior de Educação Almeida Garrett , Lisboa.

- Mead, M. (1928). *Selection from coming of age in Samoa. - The American Intellectual.*
- Mello, T., & Rubio, J. S. (2013). A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem da Educação Infantil.
- Mota, G. (2015). A educação musical em Portugal – uma história plena de contradições. *DEBATES-Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música.*
- Nóvoa, A. (1992). *FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSÃO DOCENTE.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lda.
- Nóvoa, A. (1999). *Profissão Professor* (2ª ed.). (M. F. Ferreira, Ed., I. L. Mendes, R. Correia, & L. S. Gil, Trans.) Porto Editora.
- Passmore, J. (1980). *O Conceito de Ensino1.*
- Portuguesa, D. i. (2020). *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa.* (P. Editora, Produtor)
- Ribeiro, A. J. (17 de Abril de 2019). IV Encontro do Ensino Artístico Especializado da Música do Vale do Sousa: O Ensino da Música no Século XXI: Desafios e Compromissos – Livro de Atas . (C. d. Sousa, Ed.)
- Ribeiro, A. P., & Vieira, M. G. (Outubro de 2010). O Ensino da Música em Regime Articulado: Projecto de Investigação-Acção no Conservatório do Vale do Sousa.
- Rocha, R. N., & Sá, L. P. (2019). Trajetórias de vida e desenvolvimento profissional docente de professores de química.
- Roldão, M. d. (2009). *Estratégias de ensino: O saber e o agir do professor.* Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão .
- Santos, E. d., & Junior, H. L. (s.d.). O PAPEL DO PROFESSOR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.

Santos, M. R., Bentes, L. N., & Serique, N. d. (2018). EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE E METODOLOGIA DE PROJETOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Caminhos Possíveis Para a Inter e a Transdisciplinaridade.

Simões, M. (2008). *Laboratórios Virtuais de Matemática como espaços de apoio à actividade do Professor do Século XXI*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho , Braga.

Swanwick, K. (1979). *A Basis for Music Education*. Taylor & Francis e-Library.

Vasconcelos, A. Â. (2001). Paradigmas do ensino da música em Portugal: diferentes olhares e sentidos.

Wunsch, L. P., & Alves, F. F. (Janeiro de 2020). DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL AO LONGO DA VIDA E O PROFESSOR VISTO COMO PESSOA: POR UMA PERSPECTIVA HUMANA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES.